

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

**ARTISTAS DA CIDADE
BRANCA NO ENSINO DE
ARTE EM CORUMBÁ**

Ana Laura Rodrigues Batista Rondon

Campo Grande – MS

2025

Ana Laura Rodrigues Batista Rondon

**ARTISTAS DA CIDADE
BRANCA NO ENSINO DE
ARTE EM CORUMBÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito
parcial para a conclusão do Curso de Artes Visuais-
Licenciatura

Orientador (a): Profa. Dra. Simone Rocha Abreu

Campo Grande - MS

2025

ANA LAURA RODRIGUES BATISTA RONDON

**ARTISTAS DA CIDADE
BRANCA NO ENSINO DE
ARTE EM CORUMBÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do
Grau de graduado, no Curso de Artes Visuais
Licenciatura da Universidade da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande, 26 de Novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Simone Rocha Abreu – Orientadora
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Ms. Ana Carolina Delgado Sandim Taveira.
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Ms. Mariana Arndt de Souza.

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, porque até aqui Ele me sustentou e, em meio às angústias e aflições, sempre esteve ao meu lado. Quero agradecer também à minha família: mãe, irmão e irmã, vocês foram peças fundamentais na minha vida e na minha trajetória acadêmica. Obrigada por todo o apoio emocional e financeiro que me deram. Eu amo muito vocês e dedico este trabalho de conclusão de curso a cada um de vocês.

Agradeço também aos meus tios, que me acolheram em suas casas de braços abertos e foram muito importantes para que eu pudesse estar aqui hoje. Quero agradecer ao meu namorado, que esteve comigo nesses quatro anos de relacionamento. Mesmo não sendo fácil mantermos um relacionamento à distância, ele sempre me deu muito apoio e me incentivou nos estudos.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Simone Rocha Abreu, que me ajudou muito no desenvolvimento do meu TCC. Sempre esteve ao meu lado, me aconselhando, orientando e tranquilizando sempre que eu entrava em desespero achando que nada daria certo. A senhora foi peça fundamental para a realização desta pesquisa, e foi um prazer tê-la como orientadora.

Agradeço aos meus colegas e amigos que cruzaram o meu caminho e caminharam comigo nesses quatro anos. Sempre me lembrei de vocês: Millany Porto, Maísa Gomes, Thalyta Godoy e Ernesto Zanin. Obrigada, pessoal, por todas as risadas, momentos de descontração e até pelos choros que compartilhamos. Obrigada por tornarem essa caminhada mais leve.

Agradeço à minha psicóloga, Paula Katrina, que me acompanhou durante essa etapa da minha vida .Ela me mostrou que cada pequeno passo conta.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e ao curso de Artes Visuais por esses quatro anos de aprendizagem, que foram essenciais para a minha formação. Foi vivenciando essa experiência que despertou em mim o desejo de lecionar — um desejo que, no início, ainda estava tímido, mas que floresceu completamente após os estágios, me mostrando que é isso que quero e que amo: estar em sala de aula, levando e adquirindo conhecimento.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema o ensino de arte a partir de referências artísticas provenientes do entorno dos alunos, com foco na cidade de Corumbá-MS. A pesquisa surgiu da percepção da ausência de artistas locais nas aulas de Arte da cidade, o que me motivou a propor um ensino que valorize a cultura do entorno do espaço vivido pelos estudantes. O estudo discute, com base em Paulo Freire e Ana Mae Barbosa, a importância de uma escola significativa que relaciona o currículo escolar à realidade do entorno do aluno, apresenta um panorama sobre as escolas do município e realiza uma investigações sobre as trajetórias e produções de artistas que residiram ou residem em Corumbá, a saber: Izulina Xavier, Jorapimo, Wega Nery, Jonir Figueiredo, Jamil Canavarros, Vitor Hugo, Rubén Darío e Marlene Mourão, a fim de incluir essas referências na prática pedagógica. A pesquisa busca contribuir para o reconhecimento da arte corumbaense no contexto escolar e promover a valorização da cultura local como parte essencial da formação estética e cultural dos alunos. Por fim, apresenta-se um Projeto de Curso de ensino de arte com uma sequência didática que reflete as preocupações desta pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de arte; Artistas locais; Entorno do Aluno; Cultura regional; Corumbá-MS.

Lista de Figura

Figura 1- Comparação entre o número de escolas de Corumbá e Campo Grande.....	14
Figura 2 - Análise do número de matrículas entre Corumbá e Campo Grande.....	15
Figura 3: Análise de comparativo do IDEB entre Campo Grande, Dourados e Corumbá.....	16
Figura 4. Registro da artista Izulina Xavier em seu quintal.....	18
Figura 5: Izulina Xavier ao lado de sua escultura feita em homenagem a São Francisco de Assis.....	19
Figura 6. Representações das Forças Armadas na Praça da Independência.....	20
Figura 7. Memória dos ex-combatentes e informações sobre as três Forças Armadas.....	20
Figura 8: Fachada da casa e ateliê da artista.....	22
Figura 9: Memórias dos visitantes eternizadas na calçada.....	22
Figura 10: Obras literárias de Izulina Xavier.....	23
Figura 11: Diplomas/Certificados da artista.....	24
Figura 12. Parte do acervo de Izulina Xavier, em seu quintal.....	25
Figura 13: Registro fotográfico das esculturas da Via sacra - Izulina Xavier.....	27
Figura 14.....	27
Figura 15.....	28
Figura 16.....	29
Figura 17.....	29
Figura 18.....	30
Figura 19. Obra icônica de Izulina Xavier: o Cristo Rei do Pantanal.....	30
Figura 20: Retrato fotográfico do artista Jorapimo.....	32
Figura 21: Barco no Camalote, 1986- Jorapimo.....	33
Figura 22:Jorapimo. Título desconhecido, s/data.....	34
Figura 23: Jorapimo “Pássaros” (1983).....	35
Figura 24: Wega Nery debruçada sobre uma de suas obras da série “paisagens imaginárias”	36
Figura 25:Wega Nery. “Bela Vista, Meninos” (1950), óleo sobre tela 55X46 cm.....	37
Figura 26: “A Ponte” (1950), Wega Nery (1913-2007), óleo sobre tela 55X44 cm, coleção particular.....	38
Figura 27:Wega Nery (1913-2007), “Onde Dormem as Âncoras” (1986),óleo sobre tela, 120X130cm.....	40
Figura 28: Wega Nery. Sempre o Mar” (1984), óleo sobre tela, 60X50 cm, coleção da artista	40
Figura 29: Jonir Figueiredo posando em frente a sua obra da série “Colete de Jacaré”.....	41
Figura 30:Jonir Figueiredo. Colete de Jacaré - Export Brasil. 1989, técnica mista, 50 x 70 cm.....	44
Figura 31:Jonir Benedito Figueiredo. Colete de Jacaré. s/d, colagem mista. 45 x 51 cm.....	45
Figura 32: Jonir Figueiredo. Mapas do Paraíso - Pantanal Brazil (arara), 1992, acrílica s/ tela 88x188 cm.....	46
Figura 33:Exposição de 35 anos de trajetória do artista Jamil Canavarros.....	47

Figura 34.....	48
Figura 35: Jamil Canavarros no momento de criação de suas obras.....	49
Figura 36:...Jamil Canavarro. Sem título, óleo sobre tela.2014. Acervo da Prefeitura de Corumbá.....	50
Figura 37. Jamil Canavarro. Sem título, óleo sobre tela.2019. Acervo da Prefeitura de Corumbá.....	51
Figura 38: Jamil Canavarros e o artista Vitor Hugo em frente ao mural feito em homenagem a artista Izulina Xavier.....	52
Figura 39: Artista Vitor Hugo.....	52
Figura 40. Mural dedicado à ala feminina de oncologia.....	53
Figura 41. Mural dedicado à ala masculina de oncologia.....	54
Figura 42. Registro do mural em construção em homenagem à Izulina.....	56
Figura 43: Mural em homenagem ao mestre cururueiro.....	57
Figura 44: Rubén Darío, posando em frente a uma de suas obras.....	58
Figura 45:Rubén Darío. Protesto. Pastel s/ canson A3, 1992.....	60
Figura 46:Rubén Darío.O Grito. Óleo s/ tela, 85 x 50 cm, 1975.....	61
Figura 47:Rubén Darío. Éxtase. Óleo s/ tela 100X150cm, s/ data.....	62
Figura 48:Rubén Darío. Obra sem título e sem data.....	63
Figura 49:Rubén Darío. Obra sem título e sem data.....	64
Figura 50:Rubén Darío. Jacaré engaiolado - técnica mista (papel, carvão e madeira), s/ data.....	65
Figura 51:Rubén Darío. Obra sem título. Óleo s/ tela, s/data.....	66
Figura 52:Rubén Darío. Obra sem título.Óleo s/ tela, s/data.....	67
Figura 53: Registro fotográfico de Marlene Mourão, 2021.....	68
Figura 54: Livro: Azul dentro do Banheiro.....	69
Figura 55: MARIADADÔ, o livro.....	71
Figura 56: Página do livro MARIADADÔ.....	71
Figura 57: Banho de São João em Corumbá, MS.....	72
Figura 58: Página do livro: Banho de São João em Corumbá, ms.....	73
Figura 59: Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia.....	73
Figura 60: Página do livro: Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia.....	74
Figura 61: Marlene Mourão. Boiada, desenho nanquim s/ papel, 40x30cm. 2009.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. POR UMA ESCOLA SIGNIFICATIVA: O ENSINO DE ARTE QUE FAZ SENTIDO AO ALUNO.	11
2. AS ESCOLAS EM CORUMBÁ.	14
3. ARTISTAS DA CIDADE BRANCA.....	17
3.1 Sobre Izulina Gomes Xavier	17
3.2 Sobre Jorapimo - José Ramão Pinto de Moraes	31
3.3 Sobre Wega Nery Gomes Pinto:.....	35
3.4 Sobre Jonir Benedito de Figueiredo:.....	41
3.5 Sobre Jamil Canavarros dos Santos:.....	46
3.6 Sobre Vitor Hugo de Souza	52
3.7 Sobre: Rubén Darío Romám Añez	57
3.8 Sobre: Marlene Mourão	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS:.....	77
Projeto de Curso	80

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema o ensino de arte a partir de referências artísticas provenientes do entorno dos alunos, com foco na cidade de Corumbá. A escolha de Corumbá se deu pela minha experiência pessoal, que nasci e vivi nesta cidade até ingressar na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e pretendo regressar à cidade para exercer a profissão de docente.

Durante minha formação básica, percebi a ausência de referências de artistas locais nas aulas de Arte. Essas aulas, em grande parte, limitavam-se a desenhos livres e atividades propostas por livros didáticos, sem aprofundamento teórico e, sobretudo, sem a valorização de produções artísticas próximas aos alunos. Acredito que esse reconhecimento do espaço em que vivem pode despertar maior interesse e identificação por parte dos estudantes.

Como futura professora de Arte, tenho o objetivo de trabalhar com meus alunos o reconhecimento e a valorização do seu entorno. Quero que eles compreendam a importância de suas referências culturais locais e que o contexto pedagógico inclua os artistas de Corumbá como parte essencial de sua formação estética e cultural.

Corumbá — também conhecida como "cidade branca", devido ao seu solo claro — é extremamente rica do ponto de vista cultural. No entanto, percebo que as linguagens artísticas locais ainda recebem pouca atenção em comparação com outras manifestações culturais da cidade, como o Carnaval, o Banho de São João e o Festival América do Sul.

Para fundamentar minha pesquisa, realizei um recorte entre os artistas locais com os quais trabalharei. Escolhi os artistas, Izulina Xavier, Jorapimo, Wega Nery, Jonir Figueiredo, Jamil Canavarros, Vitor Hugo, Rubén Darío e Marlene Mourão.

A estrutura do trabalho está organizada da seguinte forma:

No capítulo 1, intitulado “Por uma escola significativa”, abordamos a importância do entorno para o ensino/aprendizagem”. Neste capítulo, discuto como as experiências de aprendizagem se tornam mais significativas quando partem do entorno dos alunos, com base nas discussões presentes nos livros de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa.

Já no capítulo 2, intitulado “As escolas em Corumbá”, enfoca a cidade de Corumbá, descrevendo sua estrutura educacional, o número de escolas, os níveis de ensino oferecidos, a existência ou não de referenciais curriculares, entre outras questões relevantes para o campo da pesquisa.

No capítulo 3, intitulado “Artistas da cidade branca”, apresentamos um recorte a partir dos artistas que residiram ou residem em Corumbá e que produziram obras nas linguagens das artes visuais. Essas referências serão utilizadas na construção de uma sequência didática de aulas de arte, que comporá o Projeto de Curso.

1. POR UMA ESCOLA SIGNIFICATIVA: O ENSINO DE ARTE QUE FAZ SENTIDO AO ALUNO.

Pensar uma escola significativa é pensar uma escola que faça sentido para o aluno, ou seja, que conecta o conhecimento construído na escola com à sua realidade. A escola significativa que defendemos nesse Trabalho de Conclusão de Curso é a instituição que ultrapasse a mera transmissão de conteúdos e se torne um espaço de diálogo, de construção de sentidos e de formação humana integral. Dessa forma, a escola significativa é aquela que reconhece o estudante como sujeito ativo do processo educativo, valorizando sua cultura, suas experiências e suas possibilidades criativas. Tal perspectiva encontra fundamento nas concepções pedagógicas de Paulo Freire, que propôs uma educação libertadora e crítica, e de Ana Mae Barbosa, que defende o ensino de arte como prática transformadora e formadora de sentidos no cotidiano escolar.

A escola deve ampliar o conhecimento do aluno, mas este não deve ser alheio a sua realidade e isso pressupõe o diálogo entre professor e aluno, bem como, a participação ativa do discente e que o professor saiba escutar os estudantes. No campo do ensino de arte, essa significação se constrói no encontro entre o conhecimento novo que a escola proporciona e o contexto desse aluno representado por onde ele mora, como vive, seus hábitos, enfim, a sua cultura. Nesse sentido, é que esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, objetivo descortinar artistas da cidade branca, para serem abordados nas aulas de arte em Corumbá.

Para defender uma escola significativa nos apoiamos na obra de Paulo Freire e Ana Mae Barbosa. Ambos convergem na ideia de que educar é provocar o encontro entre o sujeito e o mundo, entre a experiência e o conhecimento, entre o sentir e o compreender. Assim, o ensino de arte, quando significativo, é aquele que reconhece o estudante como autor de sentidos, e a escola, como espaço de criação, expressão e diálogo.

Paulo Freire defendeu em *Pedagogia da Autonomia* (1996) que o processo educativo precisa partir da realidade do aluno e de sua capacidade de interpretar o mundo. Aprender, portanto, é um ato de significação. O autor afirma que “não há saber

mais ou saber menos: há saberes diferentes" (FREIRE, 1996, p. 23). Portanto, uma escola que faça sentido ao aluno é aquela que reconhece e valoriza seus saberes prévios e culturais.

No ensino de arte, essa compreensão é fundamental. A arte torna-se uma linguagem de expressão e de leitura de mundo, e o aluno é convidado a compreender-se como produtor de cultura. Como observa Barbosa e Coutinho (UNESP/Redefor), "*a leitura da imagem é também leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos*" (BARBOSA, 1998, p. 35, apud BARBOSA; COUTINHO, 2010).

Assim, a escola significativa é a que promove a consciência da experiência, não apenas o acúmulo de técnicas ou informações. Trata-se de uma educação que desperta o olhar, o pensamento e a sensibilidade.

A escola significativa é espaço de significação e diálogo. Segundo Paulo Freire (1996), ensinar é um ato político e ético, e a educação deve possibilitar a leitura crítica do mundo. A escola significativa, portanto, é aquela que acolhe o diálogo como método e como princípio, reconhecendo que ninguém educa ninguém, mas que todos se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Para Freire, o conhecimento não pode ser reduzido à memorização de conteúdos, mas deve ser compreendido como prática de liberdade, como caminho para a autonomia e para a transformação da realidade.

Nesse sentido, o papel do professor é o de mediador e instigador, aquele que provoca a curiosidade e motiva o estudante a compreender o sentido do que aprende. Como afirma Freire, "*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*" (FREIRE, 1996, p. 25). A escola significativa, portanto, deve promover aprendizagens que dialoguem com a vida, com o contexto sociocultural dos estudantes e com as necessidades do tempo presente.

Ana Mae Barbosa (2002) afirma que a arte é um instrumento essencial na construção de sentidos e na formação da sensibilidade. Através da arte, o estudante é convidado a ler o mundo de forma estética e crítica, percebendo-se como sujeito criador. Para Barbosa, a arte-educação tem potencial de desenvolver uma educação mais significativa, pois estimula a expressão, a imaginação e o pensamento reflexivo.

Sua proposta da “abordagem triangular” — que articula fazer artístico, leitura de imagens e contextualização — reforça a ideia de uma escola que não se limita à reprodução, mas que estimula a criação e a interpretação. Assim, a arte se torna não apenas conteúdo, mas linguagem de compreensão do mundo e forma de emancipação cultural. Uma escola que valoriza a arte é, por natureza, mais significativa, pois reconhece a importância das emoções, das sensibilidades e das narrativas pessoais no processo de aprendizagem.

Freire e Barbosa convergem na defesa de uma escola que não fragmenta o saber, mas que integra corpo, mente e emoção. Enquanto Freire insiste na dimensão ética e política do ato educativo, Barbosa reforça a dimensão estética e cultural. Ambas as perspectivas apontam para uma escola que se compromete com a humanização, com o diálogo intercultural e com o respeito às diferenças.

Nessa escola, o currículo é vivo, construído coletivamente, e o conhecimento é tecido na relação entre o eu e o outro, entre a experiência e a teoria. Trata-se de uma escola que dá significado à aprendizagem porque conecta o saber escolar com o mundo vivido pelos estudantes, permitindo que eles se reconheçam no processo educativo e vejam sentido no que aprendem.

Construir uma escola significativa é um desafio ético, estético e político. Implica romper com a lógica da educação bancária e da mera reprodução cultural, abrindo espaço para o diálogo, a criatividade e a participação. Inspirados em Paulo Freire, compreendemos que a educação é um ato de esperança, de fé na capacidade humana de aprender e transformar. Inspirados em Ana Mae Barbosa, reconhecemos que a arte é via de expressão e leitura do mundo, dimensão indispensável para uma aprendizagem plena.

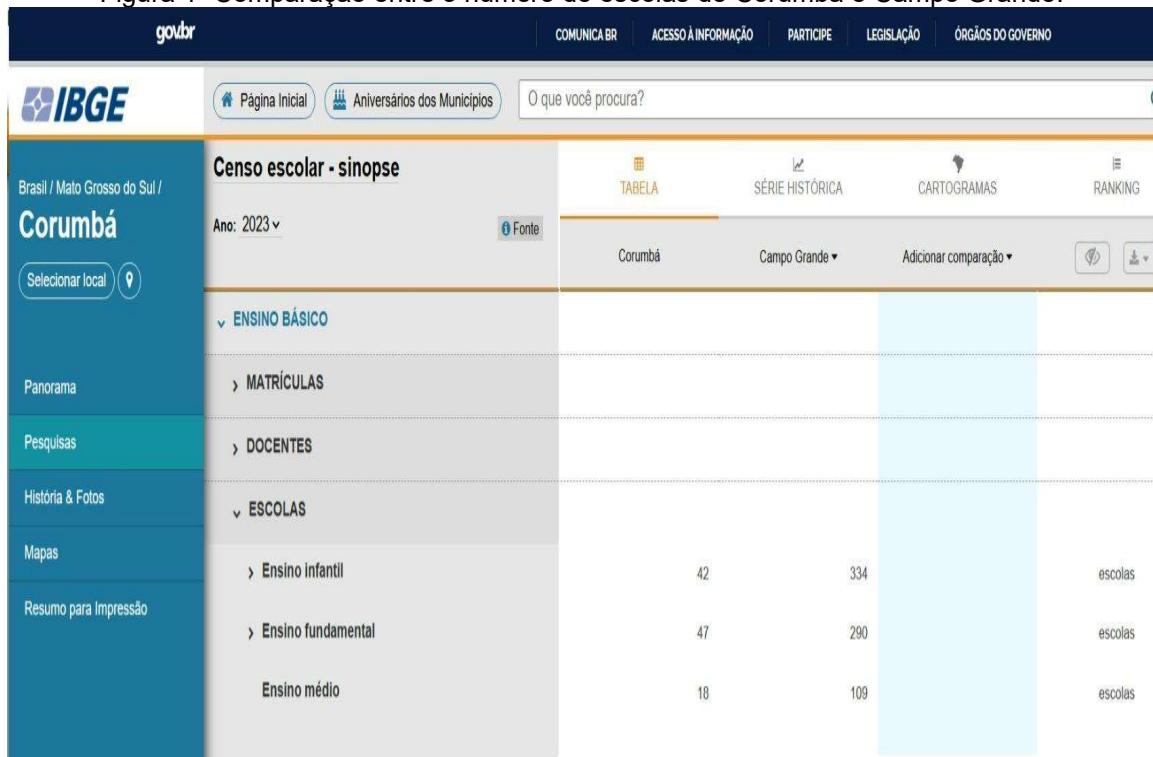
Assim, uma escola significativa é aquela que se compromete com a vida, com a liberdade e com a criação de sentidos. É uma escola que ensina a ver, a sentir, a pensar e a transformar.

2. AS ESCOLAS EM CORUMBÁ.

Corumbá é uma cidade localizada às margens do rio Paraguai, no sudoeste do Brasil. É considerada uma das principais portas de entrada para o Pantanal. Conhecida como “Cidade Branca” — devido à coloração clara de seu solo, resultado da presença de calcário (Prefeitura de Corumbá) —, a cidade ocupa a 4^a posição no ranking das maiores cidades do estado de Mato Grosso do Sul. Corumbá possui uma população de 96.268 habitantes, segundo o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado em 2022. Atualmente, estima-se que a cidade conte com aproximadamente 99.107 habitantes.

De acordo com um levantamento estadual de Mato Grosso do Sul, Corumbá ocupa a 4^a posição em número de escolas de educação infantil, com cerca de 42 unidades municipais; está em 3º lugar em escolas de ensino fundamental, com um total de 47 escolas municipais; e em 4º lugar em número de escolas de ensino médio, com aproximadamente 18 escolas estaduais. Em comparação com a capital do Estado, Campo Grande, observa-se uma diferença significativa no número de oferta educacional (figura 1): a capital conta com 334 EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil), 290 escolas municipais e 109 escolas estaduais.

Figura 1- Comparaçao entre o nro de escolas de Corumbá e Campo Grande.

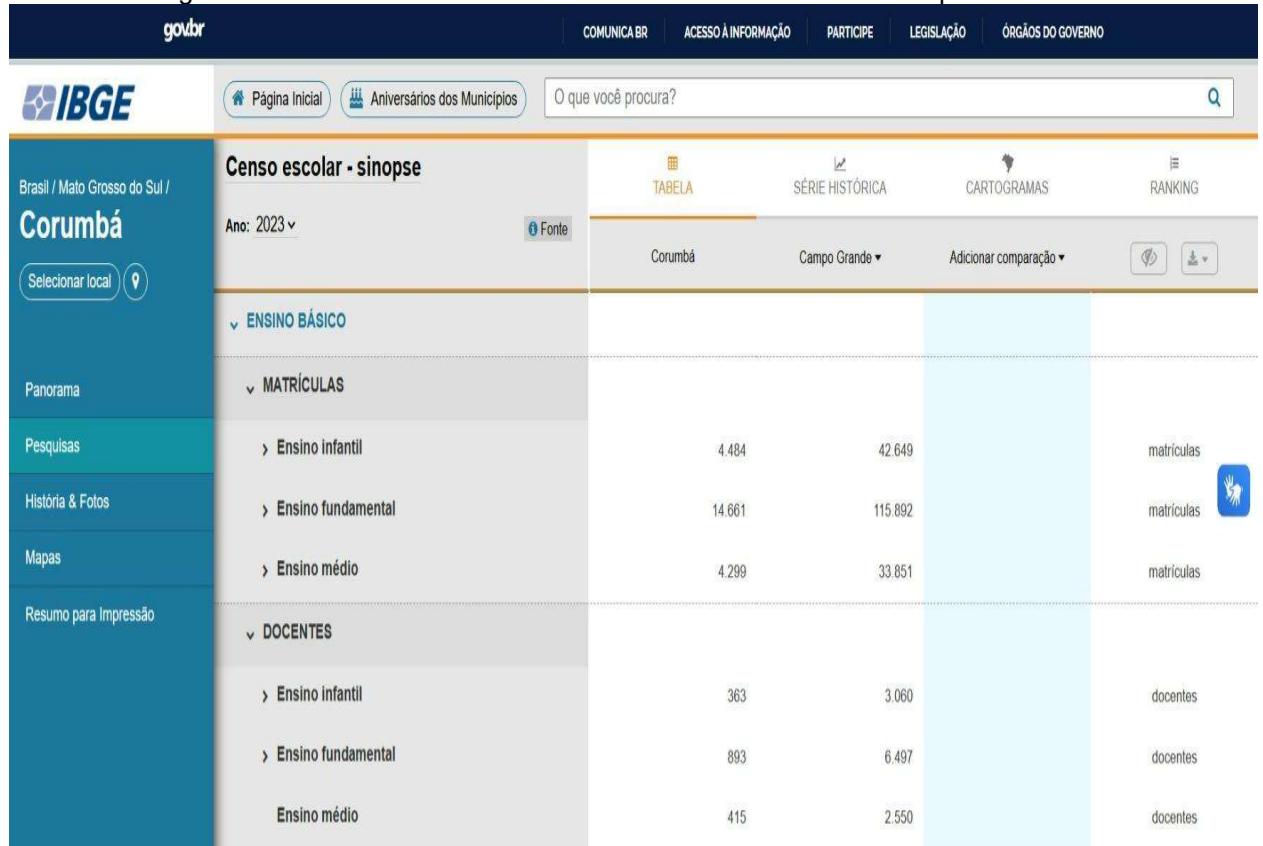


Fonte: IBGE, Censo escolar, disponível em

Quanto ao número de matrículas (figura 2), Corumbá possui 4.484 alunos na educação infantil, 14.661 no ensino fundamental e 4.299 no ensino médio. O número de docentes também acompanha essa divisão: são 363 professores atuando na educação infantil, 893 no ensino fundamental e 415 no ensino médio. Esses dados revelam o porte da rede pública de ensino do município e apontam para a importância da valorização dos profissionais da educação e da estrutura oferecida aos estudantes.

Vale destacar que o município de Corumbá não possui um referencial curricular próprio. Em razão disso, adota o Referencial Curricular da SED/MS (Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul) como base para a organização e implementação de suas práticas pedagógicas.

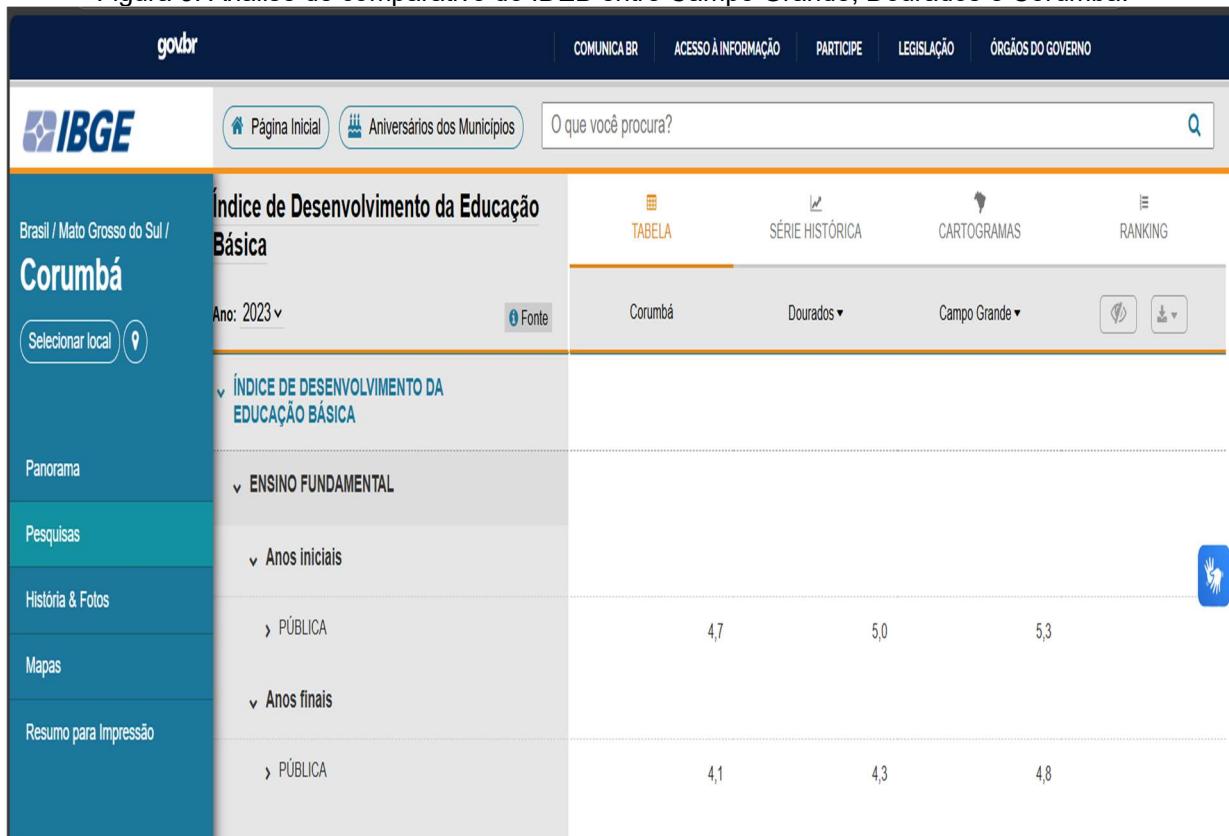
Figura 2 - Análise do número de matrículas entre Corumbá e Campo Grande.



Fonte: IBGE, Cidades@.

Ao analisarmos um comparativo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) entre a capital, a região de Grande Dourados e Corumbá, podemos observar a seguinte ordem representada na imagem abaixo:

Figura 3: Análise de comparativo do IDEB entre Campo Grande, Dourados e Corumbá.



Fonte: IBGE, Cidades@.

3.ARTISTAS DA CIDADE BRANCA.

Este capítulo apresenta um recorte a partir dos artistas que residiram ou residem em Corumbá e que produziram obras nas linguagens das artes visuais, enfocamos Izulina Xavier, Jorapimo, Jamil Canavarro, Vitor Hugo, Jonir Figueiredo, Marilene Mourão, Wega Nery e Rubén Darío. Essas referências serão utilizadas na construção de uma sequência didática de aulas de arte, que comporá o Projeto de Curso.

3.1 Sobre Izulina Gomes Xavier

A artista Izulina Gomes Xavier (1925 - 2022), nasceu em Jaicos (Piauí-Pi) em 1925 e se mudou para Corumbá em 1944, depois de ter se casado com José Xavier. Seu talento foi revelado a ela mesma quando foi cumprir uma promessa feita a São Francisco de Assis (César, 2022). A promessa feita foi de construir uma estátua de São Francisco de Assis de 3,5 metros de altura no jardim de sua casa, hoje aberta à visitação.

O lado artístico de Izulina se desenvolveu desde a infância aos 9 anos de idade, quando fazia arte em barro na beira do rio. Uma vez tendo mudado para Corumbá, aperfeiçoou a técnica e passou a trabalhar com concreto, mas sempre com ajuda para melhor manipulação dos ferros para o desenho ir tomando forma. As obras da artista não tinham um planejamento específico. Pode-se dizer que são fruto dos pensamentos de uma senhora ao santo São Francisco. Izulina Xavier declarou sobre o seu fazer artístico: "O que aconteceu para eu saber? Aconteceu que ninguém nunca me proibiu. Eu queria e estava feito, ia mexer com barro e dali nasceu, eu desenvolvi esse lado. Meu pai não me proibia, ele elogiava". (Maciulevicius,2015)

Em 2013, o Diário Corumbaense produziu com a artista um dos episódios da série “*A História da Nossa Gente*”¹, onde ela conta sua trajetória de vida. Em entrevista, Dona Izulina relatou que escreveu seis livros de romance, cinco livros de histórias em cordel e um livro de literatura infantil (ver figura 4). Ela mencionou ainda que possuía outros livros prontos para publicação, mas não teve coragem de lançá-los. Como era ela mesma quem pintava as capas de seus livros, contou que,

¹ O vídeo “A história de nossa gente” que enfoca a vida de Izulina Xavier pode ser visto em www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=134730#google_vignette

posteriormente, passou das páginas para as telas: algumas obras doou, outras vendeu por preços muito baixos. Depois disso, parou de pintar e iniciou um trabalho com esculturas em madeira. No entanto, como se tratava de uma atividade bastante pesada, acabou se acidentando e fraturando um braço.

Figura 4. Registro da artista Izulina Xavier em seu quintal.



Fonte: vídeo “A história de nossa gente”

Dona Izulina Xavier revelou que estava muito ansiosa para retomar suas esculturas, mas seu médico ainda não a havia liberado. Certo dia, ao observar um homem trabalhando com concreto, perguntou se a massa, depois de seca, não escorregava. Curiosa, foi tirando suas dúvidas e questionando se seria possível fazer esculturas com aquele material. Nunca mais se esqueceu das dicas que o homem lhe deu.

Ao construir sua casa, comentou que gostaria de ter uma imagem de São Francisco (Figura 5) em seu jardim. No entanto, seu marido não permitiu. A artista, então, decidiu fazer a escultura escondida, dizendo que estava criando um Hulk. Quando seu esposo descobriu, os vizinhos já estavam reunidos em frente à casa para admirar a obra e cumprimentaram o esposo, dando parabéns pela escultura. Diante da reação positiva da vizinhança, ele acabou sendo convencido a permitir a permanência da estátua do santo.

Figura 5: Izulina Xavier ao lado de sua escultura feita em homenagem a São Francisco de Assis.



Fonte: vídeo “A história de nossa gente”

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os soldados de Corumbá tomaram conhecimento da história do São Francisco e contrataram Dona Izulina para produzir três esculturas representando as Forças Armadas, atualmente fixadas no Jardim da Independência, em Corumbá (ver Figura 6). Em outra ocasião, o prefeito da cidade visitou sua casa, viu a Via Sacra esculpida em uma de suas paredes e sugeriu que ela reproduzisse aquilo em um espaço público, foi assim, que surgiu o Cristo Redentor (Figura 7), visível em toda a cidade de Corumbá. A escultura está localizada no Morro do Cruzeiro e se destaca durante a noite, iluminada por luzes que realçam sua grandiosidade. (Gaertner,2022).

Figura 6. Representações das Forças Armadas na Praça da Independência.



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Ao observar a imagem, é possível identificar três figuras masculinas vestindo trajes militares da época da Segunda Guerra Mundial. Eles estão em posição de sentido, cada um utilizando um tipo diferente de chapéu, que remete, respectivamente, à Marinha, ao Exército e à Força Aérea — representando, assim, as três forças armadas. Ao lado estão duas placas (figura IV) com nome dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Figura 7. Memória dos ex-combatentes e informações sobre as três Forças Armadas.



Fonte: Registro Fotográfico.



Fonte: Registro Fotográfico.

Tive a honra de visitar o Art Izu, um espaço muito especial onde viveu e trabalhou a artista Izulina Gomes Xavier, uma das figuras mais importantes da arte em Corumbá. A casa funciona como uma verdadeira galeria a céu aberto, repleta de esculturas e histórias. O local está aberto para visitação gratuita, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, e aos sábados, até as 11h da manhã. Logo ao chegar, é impossível não se impressionar com a fachada da casa. As colunas de concreto foram esculpidas pela própria artista e imitam o formato de árvores, com aves pousadas entre os galhos (Ver figura 8). É como se a natureza tivesse se transformado em arte ali mesmo, em pleno centro da cidade. Ao observar o jardim, é possível contemplar diversas obras da artista, com destaque para a escultura de São Francisco de Assis, cercada por animais também esculpidos.

Figura 8: Fachada da casa e ateliê da artista.



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Outro detalhe que chama a atenção está no chão da calçada em frente a residência: os pisos coloridos são cobertos por mensagens deixadas por visitantes de diferentes lugares do Brasil. Durante a visita, li frases de pessoas de Santa Catarina, Belo Horizonte, Campo Grande e muitos outros lugares (ver figura 9). Cada uma delas deixou sua marca, seu agradecimento e admiração por ter conhecido o espaço e a obra de Izulina Xavier.

Figura 9: Memórias dos visitantes eternizadas na calçada.



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Ao entrar em sua residência pode se observar seus trabalhos feitos até nas paredes do corredor e por dentro a uma sala repleta de obras da artista, desde esculturas em barro, madeira e até peças em concreto, além de telas pintadas pela própria artista. O local abriga também banners de festivais e exemplares de alguns de seus livros, como *Dez Anos de Emoções*, *Um Grito no Pantanal*, *As Poetisas do Pantanal* e *Meu Pequeno Mundo* (Figura 10).

Figura 10: Obras literárias de Izulina Xavier.



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Além das obras, há uma parede dedicada aos diplomas, certificados (ver Figura 11) e homenagens recebidas ao longo de sua trajetória. A artista Izulina Gomes Xavier, foi agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Figura 11: Diplomas/Certificados da artista.



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Não há como não se impressionar com o empenho e a dedicação que a artista teve ao realizar suas obras. Cada escultura, pintura ou intervenção no espaço carrega detalhes que revelam sua sensibilidade, criatividade e paixão pela arte. O cuidado com cada forma, cada textura e cada expressão transforma o local em uma experiência visual e afetiva inesquecível. Visitar o Art Izu é algo que permanece na memória.

Ao sair para o jardim dos fundos, é possível encontrar ainda mais obras feitas de concreto. O quintal é repleto de esculturas que encantam pela riqueza de formas(Figura 12). Na parede, por exemplo, está esculpida a primeira Via Sacra produzida por Dona Izulina, além de uma representação da Santa Ceia. Espalhadas pelo quintal, há inúmeras outras peças, formando um verdadeiro museu a céu aberto.

Apesar da beleza do espaço, é visível que algumas esculturas apresentam desgaste, resultado da ação do tempo e da exposição constante ao sol e à chuva. A casa de Dona Izulina Gomes Xavier está localizada na Rua Cuiabá, 558, no Centro de Corumbá - MS, e preserva parte da memória da artista.

Figura 12. Parte do acervo de Izulina Xavier, em seu quintal.



Fonte: Registro fotográfico.



Fonte: Registro Fotográfico.

Outro local, já mencionado anteriormente, onde é possível encontrar obras de dona Izulina Gomes Xavier, está situado no Morro do Cruzeiro, popularmente conhecido como “o Cristo”. Estive recentemente no local para observar seus trabalhos e, conforme fui subindo o morro, me deparei com o início de suas esculturas que representam a Via Sacra.

Via sacra

A Via Sacra criada pela artista Izulina Xavier, está inserida no morro do cruzeiro, em Corumbá, e acompanha quem sobe até o Cristo Redentor que está no alto do morro.

Como fui até o local para fazer meus registros fotográficos das obras da artista que compõe está pesquisa, pude observar e apreciar as esculturas ao longo do caminho, mostrando os momentos da condenação de Jesus até a sua ressurreição.

Durante a subida pude acompanhar várias cenas: Jesus sendo condenado, Jesus carregando a cruz nas costas, as quedas que ele sofreu, as pessoas que encontrou, Jesus sendo despojado de suas vestes, sendo pregado na cruz, morrendo, sendo descido da cruz e sepultado. Mas ao subir mais um pouco e chegar na escada que logo da acesso ao cristo, ao olhar para o chão, vi que ali estava cercado pelo corrimão da escada, os altos relevos que mostram Jesus subindo até a glória e as pessoas ao seu redor te adorando.

Ao meu entendimento a ideia é que quem sobe ao morro não faz só uma caminhada física, mas também uma reflexão espiritual, revivendo passo a passo dessa trajetória. A obra mostra como a artista consegue transformar a fé em arte.

A seguir estão os registros fotográficos deste percurso:

Figura 13: Registro fotográfico das esculturas da Via sacra - Izulina Xavier



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Figura 14:



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Figura 15:



Fonte: Registro Fotográfico,2025.



Fonte: Registro Fotográfico,2025.

Figura 16:



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Figura 17:



Fonte: Registro Fotográfico, 2025.

Figura 18:



Fonte: Registro Fotográfico,2025.

Figura 19. Obra icônica de Izulina Xavier: o Cristo Rei do Pantanal.



Fonte: Registro Fotográfico,2025.

O Cristo Redentor é um dos principais símbolos religiosos, culturais e turísticos da cidade de Corumbá. Ele representa não apenas a fé cristã, mas também serve como ponto de referência por estar localizado em uma área elevada, oferecendo uma vista panorâmica da cidade e do Pantanal. O monumento possui 12 metros de altura (Carta de serviços ao cidadão), e reforça o orgulho dos moradores em serem corumbaenses, sendo um marco da identidade visual do município. Criado pela artista Izulina Gomes Xavier, o Cristo Redentor também possui grande valor artístico, especialmente por se tratar de uma obra pública produzida por uma mulher que, mesmo não sendo natural de Corumbá, adotou a cidade como sua e tornou-se parte de sua história.

Dona Izulina Gomes Xavier faleceu aos 97 anos, em 2022, enquanto se tratava de uma pneumonia. Sua trajetória artística e sua contribuição para a cultura local permanecem vivas na história de Corumbá.

3.2 Sobre Jorapimo - José Ramão Pinto de Moraes

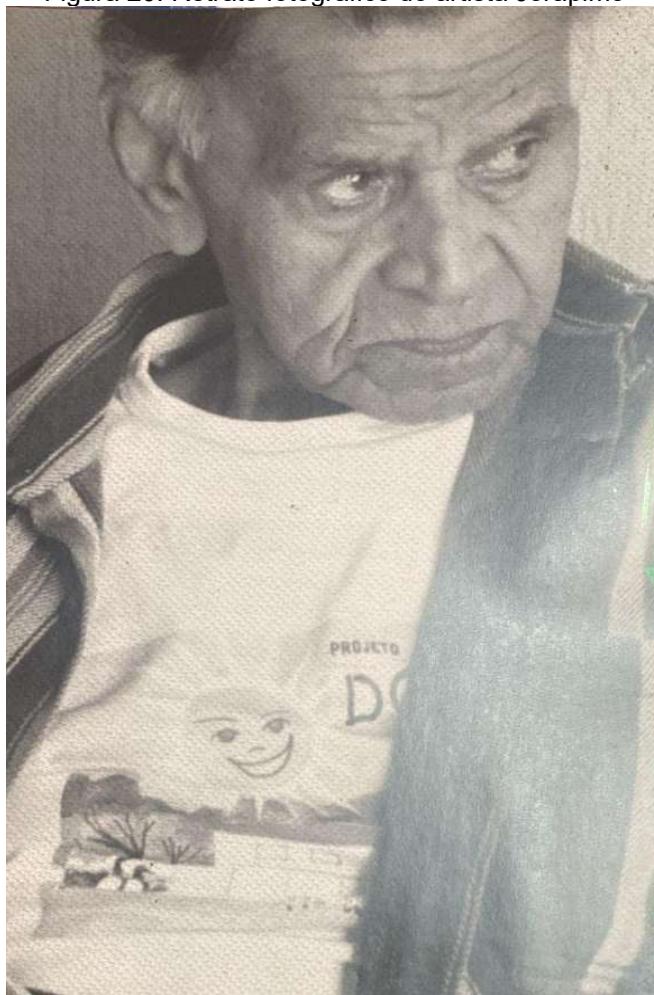
O artista José Ramão Pinto de Moraes (1937–2009) (fig. 20), conhecido como Jorapimo — nome artístico adotado por ele próprio —, nasceu na cidade de Corumbá-MS em 1937. É reconhecido como um dos principais artistas plásticos de Mato Grosso do Sul e da região Centro-Oeste do Brasil.

Desde a infância, já demonstrava talento para o desenho, e, ainda jovem, realizou uma composição em mosaico para a fachada da residência da família Dolabani, em Corumbá. Jorapimo foi um dos responsáveis por introduzir a tendência modernista na arte corumbaense, influenciado por sua convivência em Campinas-SP com pintores vanguardistas como Thomaz Perina, Francisco Biojone, Mário Bueno, Geraldo Jurgensen, entre outros. (nome do autor)

Dedicou sua vida inteiramente à arte, sendo um dos poucos artistas a viver exclusivamente de sua produção artística. Desenvolveu também o que podemos chamar de arte aplicada, criando cartões artesanais, estampas em camisetas, caixas de fósforo, entre outros itens, como forma de garantir renda. Atuou como técnico e curador das exposições de Artes Plásticas do Instituto Luiz de Albuquerque (ILA), em Corumbá, além de ministrar cursos de pintura. (Fabio Pellegrini e Daniel Reino,2013)

Em Campo Grande - MS, contribuiu para a criação e fundação da Associação Mato-grossense de Artes (AMA). Parte de sua obra integra o acervo do Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande. (Fabio Pellegrini e Daniel Reino,2013)

Figura 20: Retrato fotográfico do artista Jorapimo



Fonte: Vozes das Artes Plásticas, 2013.

Em uma entrevista ao Espaço Cultural do Tribunal de Contas, a filha do artista Jorapimo, Simone Rose de Moraes, conta que seu pai sempre dizia que, aos 11 anos de idade, teve contato com um professor que lhe mostrou o caminho do desenho por meio dos flipbooks. Isso o instigou a buscar a arte, e ele logo se encantou com as cores do Pantanal, com as cores da cidade — e, então, começou a pintar.

Comenta ainda que seu pai usou a espátula durante toda a vida e raramente utilizava pincéis. Pintava em qualquer superfície: madeira, tela, plástico, papel — tudo o que estivesse à mão, ele transformava em pintura. Jorapimo também produziu obras em papel Canson para pessoas que desejavam ter uma obra sua em casa, mas que não tinham condições financeiras para adquirir uma tela. Segundo ela, muitas pessoas sonhavam em ter um “Jorapimo” em suas casas.

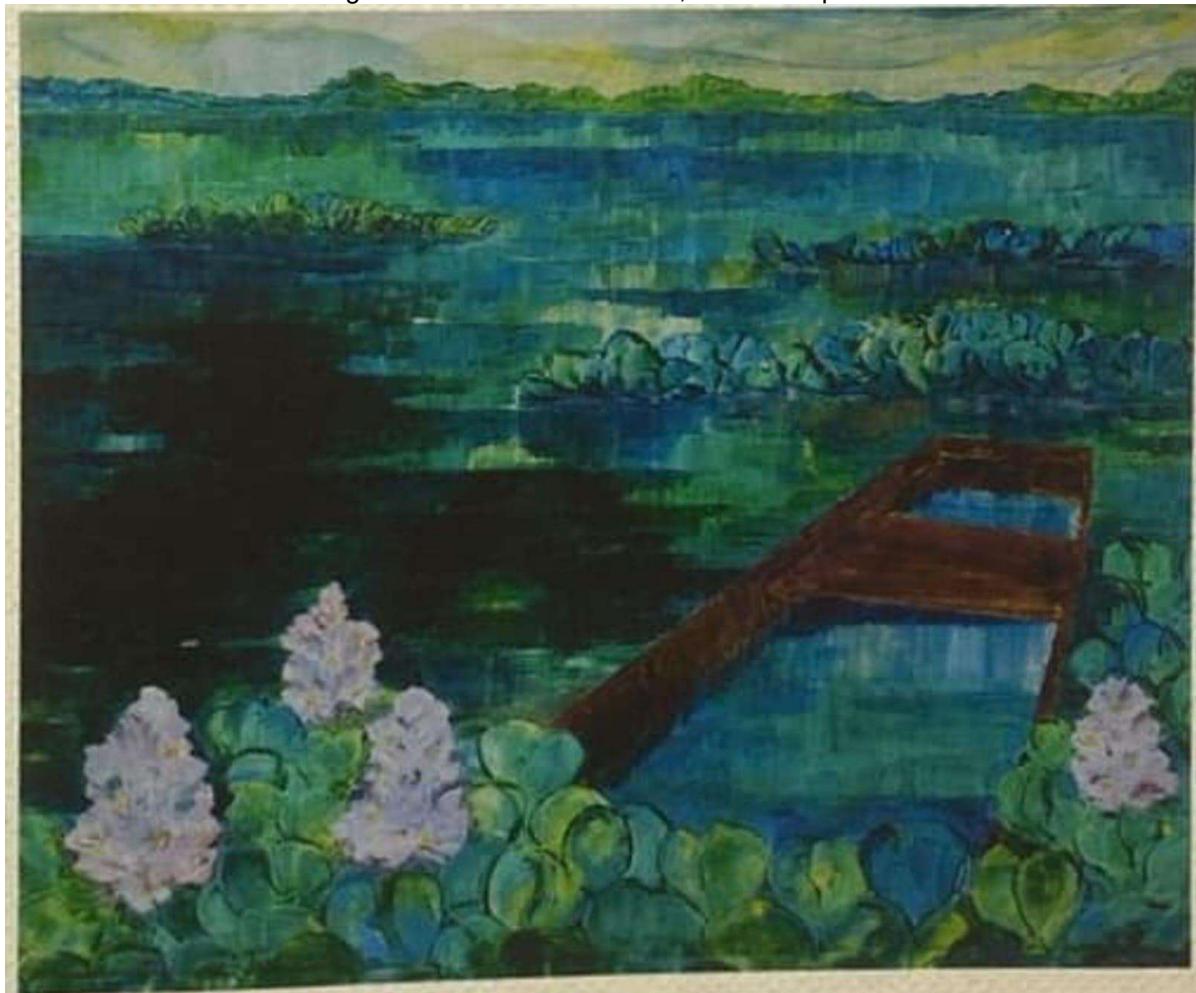
Destaca ainda que o artista possuía uma memória fotográfica e costumava ir ao porto, à beira do rio, saía para pescar e observava os pescadores e as lavadeiras que chegavam para lavar roupas — cenas que muitas vezes inspiraram suas obras.

Jorapimo também gostava de ensinar crianças a desenhar. Ele tinha o hábito de, ao menos uma vez por mês, ir até a praça da cidade levando todo o material necessário para que as crianças pudessem pintar.²

Segundo uma reportagem do diário corumbaense o artista Jorapimo relatou: “Quando percebi que meu trabalho era conhecido pelas pessoas mesmo sem a assinatura, vi que tinha valor. Assim fiz minha primeira exposição profissional em Corumbá em 1964”.

Jorapimo foi pioneiro da pintura moderna em Mato Grosso do Sul e um dos fundadores da AMA – Associação Mato-grossense de Artes. Participou de exposições em grandes centros do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília e também em cidades do Japão, Bolívia, Colômbia, Alemanha e Estados Unidos. (Nunes, 2009)

Figura 21: Barco no Camalote, 1986- Jorapimo

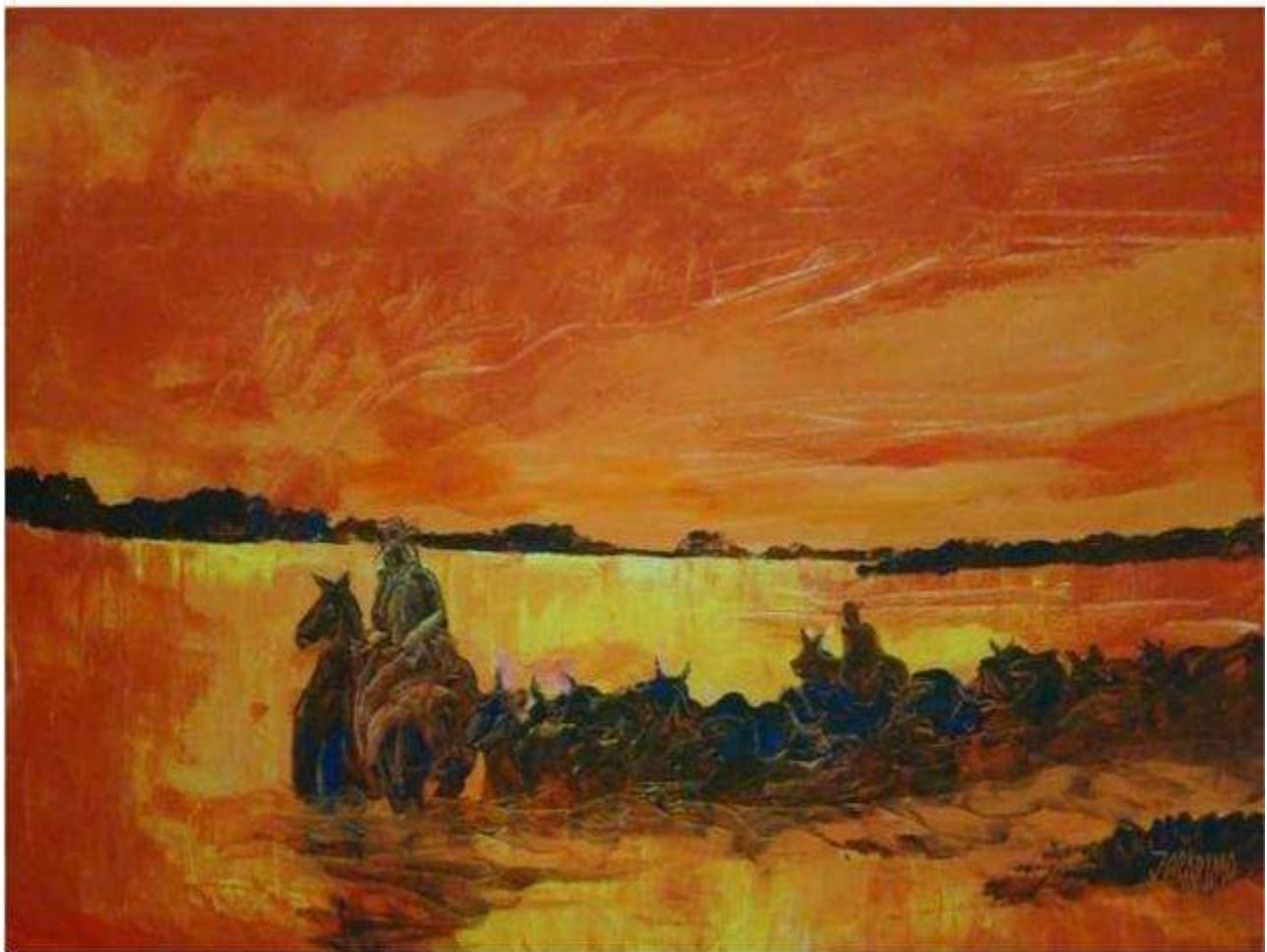


Fonte: Vozes das Artes Plásticas,2013.

²O vídeo “Artista Plástico - Jorapimo”, que a filha do artista conta um pouco de sua trajetória, pode ser visto através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=RTSPwFq6IBI>

A obra “Barco no Camalote”, do artista Jorapimo, retrata uma embarcação tomada pelas águas, encalhada entre os camalotes, aparentemente no meio do rio, já que não se observa terra nas proximidades. Ao fundo, é possível ver algumas vegetações que, provavelmente, pertencem ao bioma pantaneiro — frequentemente representado pelo artista em suas obras.

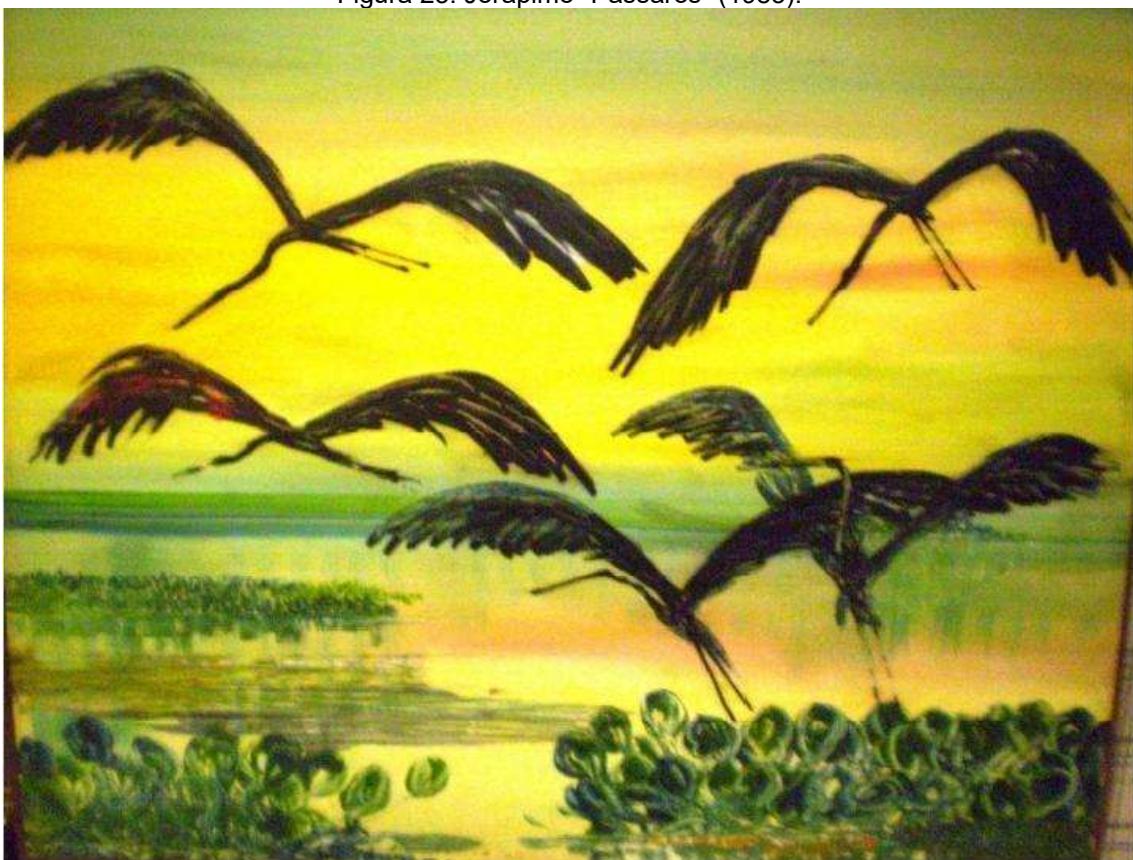
Figura 22:Jorapimo. Título desconhecido, s/data.



Fonte: Rodrigues,2012, p.79.

Esta obra retrata a vida do homem pantaneiro atravessando sua boiada por meio do rio — uma cena típica de Mato Grosso do Sul, estado fortemente influenciado pela bovinocultura. As cores intensas sugerem o pôr do sol, cujo reflexo se mistura às águas, sendo interrompido apenas por uma mancha escura no horizonte, que representa a vegetação. O artista também expressa o movimento das águas por onde passa a boiada, acompanhada pelos peões que vão guiando.

Figura 23: Jorapimo “Pássaros” (1983).



Fonte: Rodrigues, 2012, p.77.

A obra acima, do artista Jorapimo, retrata uma superfície alagada com camalotes flutuando sobre as águas. Na parte superior da composição, é possível observar aves que, mesmo representadas apenas por suas silhuetas e com poucos detalhes, podem ser identificadas como garças — animais característicos do bioma pantaneiro.

3.3 Sobre Wega Nery Gomes Pinto:

Segundo Maria Eugênia Carvalho do Amaral, no livro “Vozes das Artes Plásticas” (2013), Wega Nery Gomes Pinto (Figura 24), nasceu em Corumbá em 10 de março de 1912, filha de Leônio Nery e Otilia Gomes da Silva Nery. Seu pai, natural de Campinas, SP, teria ido à Corumbá em 1907 para se integrar à equipe de engenheiros que estudava a implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Leônio acabou ficando por lá, encantado pela jovem Otilia, filha de Joaquim Eugênio (Nheco) Gomes da Silva (o fundador da Nhecolândia) e de Maria das Mercês (da família Leite de Barros). Grande parte da infância de Wega foi vivida na Fazenda Campo Leda, no Pantanal, ainda menina, foi enviada ao internato do Colégio Sion,

colégio religioso católico em São Paulo. Em 1924, a família mudou-se para Campinas e Wega começou a estudar na Escola “Culto à Ciência”, onde concluiu o ginásio em 1932.

Figura 24: Wega Nery debruçada sobre uma de suas obras da série “paisagens imaginárias”



Fonte: Vozes das Artes Plásticas, 2013.

Ainda segundo o mesmo texto, em 1933, a família mudou-se novamente, desta vez para São Paulo, e Wega, que havia realizado exames para se equiparar aos normalistas, fez um curso de aperfeiçoamento pedagógico na Escola Caetano de Campos. Em 1935, foi nomeada Inspetora Federal de Ensino. Nos dois anos seguintes, viajou incessantemente pelo interior paulista, inspecionando escolas da rede oficial. Em 1937, preparando-se para o vestibular da Faculdade de Filosofia, conheceu Fausto Gomes Pinto, seu professor de inglês, e casou-se com ele em 1938. Sebastião Rubens (Tão) Gomes Pinto, seu único filho, nasceu em 1939.

Entre 1943 e 1945, por complicações cirúrgicas, Wega foi hospitalizada repetidas vezes: no total, doze meses de internações. Nesse período, retomou o hábito de desenhar que iniciou ainda menina no Colégio Sion. Ao retornar para casa, permaneceu em repouso por mais de um ano, sem poder andar.

A partir de 1946, incentivada pelo marido, Wega começou a frequentar o meio artístico paulistano e desistiu de ser pianista ou poetisa. Declarou anos depois que não sentiu tanta falta do piano e da poesia; afinal, para ela, "a pintura tem muito de poesia e muito de música". Matriculou-se então na Escola de Belas Artes de São Paulo, com 34 anos de idade. Mostrou seus trabalhos pela primeira vez na 5. Exposição Coletiva da Associação Paulista de Belas Artes e, em 1947, participou do Salão Nacional de Belas Artes

Após concluir o curso de Belas Artes, em 1949, Wega participa do 15º Salão Paulista de Belas-Artes e, em 1950, recebe seu primeiro prêmio – a medalha de bronze do 56º Salão Nacional de Belas Artes – e adere ao Grupo Guanabara. criado em torno do pintor Tikashi Fukushima (1920-2001). O grupo, que reunia cerca de 20 artistas plásticos, manteve-se ativo em São Paulo de 1950 a 1959, com uma produção marcada pela liberdade individual de estilo e de técnica.

Figura 25:Wega Nery. "Bela Vista, Meninos" (1950), óleo sobre tela 55X46 cm.



Fonte: Rosin; Stori,2010, p.787

Em 1953, Wega expôs na 2ª edição da Bienal Internacional de Artes do Museu de Arte Moderna de São Paulo e frequentou por cinco meses o Atelier Abstração, sob a orientação de Samson Flexor. Participou a seguir do 3º Salão Paulista de Arte Moderna (1954) e do 4º Salão Nacional de Arte Moderna (1955). (Amaral, 2013.)

Figura 26: “A Ponte” (1950), Wega Nery (1913-2007), óleo sobre tela 55X44 cm, coleção particular.



Fonte: Rosin; Stori, 2010, p.787

O Ano de 1955 foi marcado por uma grande alegria e uma perda irreparável. Wega mostrou seus desenhos a Pietro Maria Bardi, que os elogiou e prontamente a convidou a expô-los no MASP. Foi sua primeira exposição individual, em setembro de 1955, visitada e aclamada pelos colegas dos grupos Guanabara e Abstração, além de Sérgio Milliet (1898 - 1966), Lasar Segall (1889 - 1957), Tarsila do Amaral (1886 – 1973), Anita Malfatti (1889 - 1964) e Marcello Grassmann (1925 – 2013), com críticas favoráveis de Osório César, José Geraldo Vieira (1897-1977) e Lourival Machado (1917 - 1967).

Exato três meses depois desse grande sucesso, seu esposo, Fausto Gomes Pinto faleceu, vítima de complicações cirúrgicas. Com a perda do marido e seu maior

incentivador, Wega sentiu-se paralisada. Mas, aos poucos, a dor novamente a reconduziu ao desenho e à pintura.

E ela retornou em 1957 e recebeu o prêmio de melhor desenhista nacional na 4^a Bienal Internacional de Artes do Museu de Arte Moderna de São Paulo. No período de 1957 a 1963, participou de outras dez exposições – incluindo a 6^a Bienal e a Sala Especial da 7^a Bienal Internacional de Arte de São Paulo –, sendo agraciada com mais duas premiações: o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea e uma medalha de prata no 9º Salão Paulista de Arte Moderna. (Amaral, 2013.)

A partir de meados dos anos de 1960, Wega começou cada vez mais a chamar suas telas abstratas de “paisagens imaginárias”. Em uma entrevista para a coluna Tavares de Miranda, da “Folha de São Paulo”, ela explicou: “Por que ‘Paisagens Imaginárias’? Certo dia pintei São Paulo de longe e a paisagem saiu intimista e irreal – imaginária. Não precisei mais do modelo. A criação vem do espírito, que sonha”.

Entre 1964 e 1969, Wega participou de 26 exposições, incluindo a 8^a e a 9^a Bienal de São Paulo (em ambos os eventos recebendo prêmio de aquisição), a 2^a Bienal Americana de Arte (em Córdoba) e mostras em Montevidéu, Buenos Aires, Punta del Este, Washington, Nova York, Cidade do México, Paris e Munique. (Amaral, 2013.)

No início da década de 70, mudou-se para Guarujá, cidade litorânea de São Paulo, onde construiu uma casa na Praia de Pernambuco, ao lado do companheiro Geraldo Ferraz (1905-1979), crítico de arte e escritor. Foi o local onde Wega recebeu amigos para conversar sobre artes, contemplou o mar e principalmente, produziu grande parte de seus trabalhos.

No período de 1980 a 1994, pintou cada vez menos, com problemas de saúde, dedicando-se a lecionar pintura. Ainda participou de bienais de São Paulo – na Sala “Expressionismo no Brasil: Herança e afinidades” da 18^a Bienal (1985) e mais uma Sala Especial na 20^a Bienal (1989) -, além de outras importantes mostras. Sua última exposição em vida foi uma individual no Museu de Arte de Brasília, em 2005.

Além do Brasil, onde foi a única artista plástica a participar de doze bienais, sua obra foi exposta na Argentina, Uruguai, México, Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra, para um público que teve o privilégio de receber parte da energia onírica

que Wega Nery soube extrair de seu Éden (como ela chamou o Pantanal) e transmutar para suas “paisagens imaginárias” (Amaral, 2013.)

Figura 27:Wega Nery (1913-2007), “Onde Dormem as Âncoras” (1986),óleo sobre tela, 120X130cm.



Fonte: Rosin;Stori, 2010, p.793

A última tela de Wega - um quadro de flores, de 1994 - foi feita em homenagem ao bisneto Rafael, então com dois anos de idade, filho de Guilherme Gomes Pinto. Depois disso, afastou-se definitivamente das espátulas e das tintas. (Amaral, 2013.)

Figura 28: Wega Nery. Sempre o Mar” (1984), óleo sobre tela, 60X50 cm, coleção da artista



Fonte: (Rosin; Stori,2010, p.794)

Wega Nery Gomes Pinto faleceu aos 95 anos de idade por falência múltipla de órgãos em 21 de maio de 2007, no Guarujá. (Amaral, 2013.)

3.4 Sobre Jonir Benedito de Figueiredo:

Jonir Benedito de Figueiredo (Fig. 29), nasceu em 23 de setembro de 1951, na cidade de Corumbá, MS. Segundo Lenilde Ramos, no livro Vozes das Artes Plásticas (2013, p. 223 - 227), os primeiros quadros que o artista conheceu quando criança foram dois óleos sobre tela na sala de sua avó Mariquinha, pintados por Lindoca, sua tia freira, uma natureza morta com peras e uma paisagem alpina. A autora ainda comentou que as práticas das artes nas escolas que Jonir estudava, recebiam pouco incentivo. E a sorte eram as “belíssimas” caixas de lápis de cor que os navios traziam de longe, com as quais foi aprimorando as bordas de seus cadernos até começar a receber pedidos dos colegas para ajudá-los nas capas de trabalho. E com os primeiros trocados Jonir investiu em materiais de desenho. Algumas vezes os alunos treinavam para copiar objetos, naturezas mortas e paisagens, Jonir aprendia rápido, mas queria fazer o seu e treinava reproduzindo fachadas corumbaenses, o que fez com que se encantasse arquitetura dos anos de 1960 e pela estética niemeyeriana. (Pellegrini; Reino, 2013.)

Figura 29: Jonir Figueiredo posando em frente a sua obra da série “Colete de Jacaré”



Fonte: Vozes das Artes Plásticas, 2013.

Em 2014, o programa Espaço Cultura, produziu com o artista uma reportagem destacando obras do artista plástico Jonir Figueiredo.³ Em entrevista para a produção do vídeo citado, Jonir conta que já trabalhou como funcionário da Prefeitura Municipal de Campo Grande, exercendo funções como desenhista técnico e escriturário no setor de topografia, além de secretário administrativo escolar da rede municipal de ensino. O artista afirma que nunca se identificou com a rotina repetitiva, motivo pelo qual decidiu dedicar-se integralmente à arte. No ano de 1977, realizou sua primeira exposição nos salões do Círculo Militar, ao lado de outros artistas. Segundo ele, o silêncio é essencial para o processo criativo. Para iniciar e concluir uma obra, prefere estar sozinho; durante o desenvolvimento, até admite a presença de alguém próximo, mas não de forma invasiva. Costuma trabalhar em três telas simultaneamente: aplica uma primeira fase, observa o resultado e dá continuidade, mantendo geralmente a mesma linha de cores e harmonia.

Jonir ressaltou que sua arte não se limita a uma simples ilustração, pois envolve pesquisa, estudo e fundamentação, resultando em uma produção que vai além do aspecto visual.

Jonir Figueiredo participou de várias coletivas e exposições individuais ao longo de sua carreira, construindo uma presença marcante na cena artística sul-mato-grossense. Em 1979, esteve no I Salão de Gravuras e Desenhos do Centro-Oeste, em Brasília, e também na III FEARTE, em Franca/SP. Nos anos seguintes, participou do Primeiro Salão do Artista Jovem, em 1980, do I Salão de Artes Plásticas de Mato Grosso do Sul, em 1982, e do Panorama das Artes Plásticas Sul-Mato-Grossense, em Corumbá, em 1983. Mais tarde, em 2004, voltou a Corumbá para o I Festival América do Sul. (Rosa,2005)

Além dessas coletivas, Jonir também realizou importantes individuais. Em 1981 apresentou seus desenhos e pinturas no hotel Jandaia, em Campo Grande. No ano seguinte, expôs Cromáticos Jacaré, na Galeria Tainá. Em 1983 trouxe a mostra Peles e Carcaças na Galeria Itaú, espaço que novamente recebeu seus trabalhos em 1984. Já nos anos 1990, destacou-se com a exposição Nativo Export Brasil no Shopping

³ O vídeo “Espaço Cultura Jonir Figueiredo” pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=L77kLbfV0a8>

Campo Grande (1994) e depois na Galeria do Horto Florestal do SESC (1999). Em 2003, apresentou Jonir Bonito pela TVE Regional. (Rosa,2005)

Tive acesso ao livro “Jonir: uma trajetória de vida construída com arte”, da autora Ara de Andrade Martins, que narra uma parte da trajetória artística de Jonir Figueiredo, como início de sua carreira profissional, os trabalhos importantes que o artista consolidou, os prêmios que ganhou e suas fases artísticas.

Algumas das fases artísticas de Jonir mencionadas no livro são:

Símbolos e Signos Universais:

Nessa fase, Jonir criou cerca de 20 obras usando nanquim e aquarela ecoline. Em suas pinturas, representou símbolos místicos antigos, como os da Maçonaria, Rosa-Cruz e o Machado de Labrys da Grécia Antiga. Essas obras nunca foram exibidas ao público. (Martins,2022)

Mãe Pátria à Espera da Democracia:

Criada em 1977, durante a ditadura militar, essa fase mostra a coragem de Jonir ao questionar o regime da época. Segundo a autora, são cerca de 18 obras feitas com aquarela e nanquim, nas quais o artista representa uma mulher grávida simbolizando a democracia que ainda estava por nascer. As nuvens indicam a passagem do tempo e a esperança por dias melhores. Algumas dessas pinturas foram expostas sobre espelhos, para que o público se visse refletido nelas. Três trabalhos dessa fase participaram de exposições em Brasília e em Nova Orleans, nos Estados Unidos. (Martins, 2022)

Ufocologia:

De acordo com o livro, a fase “Ufocologia”, criada em 1979, une os temas ufologia e ecologia. Inspirado pelas histórias que ouvia no Pantanal sobre discos voadores e seres extraterrestres, Jonir criou cerca de 30 obras usando pastel a óleo e acrílico sobre tela. Nessas pinturas, ele misturou elementos do Pantanal, como animais, com objetos voadores não identificados. Essa fase reflete seu interesse pelo sobrenatural e pela natureza. (Martins, 2022)

Jacarés:

Nos anos 1980, Jonir desenvolveu a fase “Jacarés” (1982–1989), inspirada por uma mancha no teto de seu ateliê e por lendas indígenas. As obras transformaram o jacaré em símbolo de força e natureza. Após ver reportagens sobre a matança desses animais, o artista passou a denunciar a violência e o comércio ilegal de couro. Essa fase, chamada “Colete de Jacaré – Export Brasil”, foi dividida em quatro séries:

Fundo Branco: mostrava o couro e usava etiquetas com o nome da série;

Fundo Verde: representava os couros escondidos na mata;

Fundo Preto: simbolizava o luto e a morte;

Fundo Vermelho: mostrava o sangue e o valor do couro no mercado. (Martins, 2022)

Figura 30:Jonir Figueiredo. Colete de Jacaré - Export Brasil. 1989, técnica mista, 50 x 70 cm



Fonte: obra acervo do Curso de Artes da UFMS, Fotografia da autora. 2025. Observação: a obra originalmente tinha uma etiqueta com os seguintes dizeres: Made in Brazil, que se perdeu.

Figura 31:Jonir Benedito Figueiredo. Colete de Jacaré. s/d, colagem mista. 45 x 51 cm.



Fonte: Col.Armando Ferreira dos Santos Filho, s/data.

Mapas do Paraíso - Pantanal Brazil:

A série “Mapas do Paraíso – Pantanal Brazil” foi inspirada nos mapas feitos pelo pai de Jonir, o “Comandante Totó Figueira”, que navegava pelos rios do Pantanal. O artista recriou esses caminhos, misturando memórias, natureza e símbolos regionais em pinturas com tinta acrílica sobre tela. As obras mostram rios, animais, ipês e figuras indígenas, com um estilo ingênuo e colorido, lembrando sua infância nas viagens com o pai. Criada entre 1989 e 1991, a série recebeu vários prêmios e menções honrosas em salões de arte no Brasil e foi exibida também em países como Japão, Alemanha e Rússia. (Martins, 2022)

Figura 32: Jonir Figueiredo. Mapas do Paraíso - Pantanal Brazil (arara), 1992, acrílica s/ tela 88x188 cm.



Fonte: Col. Gilberto Luiz Alves, s/data.

Além de seu trabalho como artista, Jonir esteve sempre à frente de projetos de incentivo à cultura e participou ativamente do cenário artístico do Estado, inclusive nas políticas públicas ligadas às artes visuais. Até seus últimos dias, mantinha presença ativa em exposições, festivais, debates e encontros culturais.

O artista plástico Jonir Figueiredo, morreu aos 73 anos no dia 25 de julho de 2025. Ele estava em Bonito/MS e participava da 3ª edição do Festival Bonito Cinesur – Festival de Cinema Sul-americano. (Neves, 2025)

3.5 Sobre Jamil Canavarros dos Santos:

Quando perguntado sobre a história da arte de Corumbá, o artista Jamil responde desta maneira:

“Corumbá é, por excelência, uma grande história de arte. Possui um patrimônio material e imaterial muito rico. Sua flora e sua fauna, bem como sua gente, seus costumes e tradições, têm servido de inspiração para todos nós, artistas.”

Como podemos ver acima, o artista revela uma visão da história da arte unida à vida — uma história da arte que pode ser vista abrangendo as manifestações culturais, tais quais o Carnaval e o São João. Envolve toda a flora e fauna.

O artista Jamil Canavarros dos Santos, nasceu em Corumbá-MS em 1962. Começou seu trabalho artístico na década de 80 e mencionou em entrevista⁴ que sempre gostou do impressionismo, expressionismo e dos temas que envolvem as paisagens e cultura pantaneira tais como, sua flora e fauna e o homem pantaneiro.

O artista ainda mencionou que foi influenciado pelos artistas: Jorapimo, Hebe Lacerda, Hélio Nunes e Getúlio Vargas dos Santos, pois acompanhava suas produções através de exposições que haviam na cidade de Corumbá.

O artista plástico Jamil Canavarros dos Santos, realizou uma exposição no ano de 2016 no sesc corumbá, em comemoração aos 35 anos de profissão. Na ocasião, durante entrevista ao Diário Corumbaense o artista explicou que “Essa exposição comemorativa começou a ser pensada e programada desde 2013, e conseguimos concluir-la neste ano, comemorando meus 35 anos de profissão. Os quadros expostos aqui são de épocas distintas, aleatórias, que demonstram meu aprimoramento de técnicas, desde a década de 1980 até trabalhos de 2015” (Cavalcante,2016)

Figura 33:Exposição de 35 anos de trajetória do artista Jamil Canavarros.



⁴ Informações disponibilizadas pelo artista para a pesquisadora através do dispositivo de mensagens digitais (whatsapp) no dia 21/05/2025.

Fonte: Diário Corumbaense, 2016.

Ainda na mesma entrevista, o artista comentou que: “Desde criança sempre me apaixonei pelos traços das linhas impressionista e expressionista, mesmo quando eu não conhecia essas correntes. É uma linha que me identifiquei, estudei e segui. Recebi muito incentivo de minha família, de meus professores e daqueles que gostam de minha arte. Lembro-me do meu primeiro quadro vendido, foi uma exposição artística em 2012, no Sindicato Rural de Corumbá, e de cara, um senhor entrou, ficou olhando os quadros e em seguida comprou. Foi uma grande emoção, eu quase não acreditei. Desde então, já fiz exposições em Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Miranda, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, e pelo que soube, tenho até um quadro que foi adquirido e levado para a Suíça”. Jamil Canavarros é um artista autodidata e relata que sua técnica foi sendo aperfeiçoada com o passar dos anos. Ele destaca que as manhãs são o momento mais produtivo para a criação e que, diariamente, se dedica a desenvolver algo novo. (Cavalcante,2016).

Figura 34:



Fonte: Diário Corumbaense, 2016.

Em um vídeo publicado no YouTube, o artista Jamil Canavarros aparece sentado em um banco da Praça da Independência, pintando uma de suas telas com tinta acrílica(Fig. 35). Utilizando uma espátula para espalhar a tinta, é possível observar seu processo criativo, no qual dá vida às imagens com gestos firmes e

expressivos. O vídeo permite acompanhar de perto como o artista constrói suas obras, revelando a técnica e a sensibilidade presentes em seu trabalho.⁵

Figura 35: Jamil Canavarros no momento de criação de suas obras.



Fonte: Imagem retirada do vídeo.



Fonte: Imagem retirada do vídeo.

⁵ Registro do artista Jamil Canavarros pintando ao ar livre na Praça da Independência:
<https://www.youtube.com/watch?v=YclaFEfrhrg>

Em comemoração aos 236 anos de fundação do município de Corumbá, foi realizada uma exposição com obras de 11 artistas plásticos da cidade, aberta ao público no dia 5 de setembro de 2014. Entre os artistas estava Jamil Canavarros dos Santos. (Gazeta do Pantanal, 2014).

Figura 36.: Jamil Canavarro. Sem título, óleo sobre tela.2014. Acervo da Prefeitura de Corumbá.



Fonte: Gazeta do Pantanal, 2014.

A obra da Figura 36 retrata homens dentro e fora de barcos ancorados às margens do rio. É possível observar, ao centro da composição, dois homens remando. A cena representa pescadores partindo para a atividade da pesca, transmitindo uma cena do cotidiano das comunidades que vivem próximas ao rio Paraguai. As cores utilizadas na pintura sugerem um dia quente e ensolarado, algo bastante característico da cidade de Corumbá.

Segundo o site da Prefeitura de Corumbá, o artista corumbaense Jamil Canavarros passou a integrar, com suas obras, o acervo artístico do Paço Municipal de Corumbá. Localizado na Rua Gabriel Vandoni de Barros, nº 1, no bairro Dom Bosco, a instituição conta com trabalhos de artistas da região, por meio de um projeto coordenado pela Fundação da Cultura e do Patrimônio Histórico. A iniciativa foi

inaugurada no dia 30 de julho de 2019, quando Jamil doou uma de suas pinturas ao Executivo Municipal, contribuindo para a valorização da arte local. (Corumbá, 2019)

Figura 37. Jamil Canavarro. Sem título, óleo sobre tela. 2019. Acervo da Prefeitura de Corumbá.



Fonte: Registro Fotográfico da Autora, 2025.

Esta obra reproduzida reúne elementos característicos da cidade de Corumbá, como aspectos da cultura local representados pelo carnaval e pela festa de São João, referentes a este último está representado um andor junto aos festeiros, sendo que alguns já estão nas águas do rio Paraguai. Já para se referir ao carnaval, no canto inferior direito da tela, há uma porta bandeira dançando com o mestre sala. Além de ícones do patrimônio material, como a igreja Nossa Senhora da Candelária — localizada no centro da cidade —, o Instituto Luís de Albuquerque (ILA), que abriga o Centro Regional de Pesquisa e Cultura, e parte do Casario do Porto.

Jamil Canavarros participou de uma homenagem à artista Izulina Gomes Xavier, idealizada pelo também artista Victor Hugo de Souza. Juntos, criaram um mural na que coloriu a cidade e representou a artista e suas principais obras. (Cabral, 2021)

Figura 38: Jamil Canavarros e o artista Vitor Hugo em frente ao mural feito em homenagem a artista Izulina Xavier:



Fonte: Diário Corumbaense, 2020.

3.6 Sobre Vitor Hugo de Souza

O artista Vitor Hugo Aguilar de Souza (Fig.39), é nascido em São Bernardo dos Campos-SP em 1988 e aos 13 anos mudou-se para Corumbá-MS, onde voltou a realizar trabalhos artísticos, hoje atua como artista e professor de arte.

Figura 39: Artista Vitor Hugo



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Vitor Hugo é formado em Pedagogia, Artes Visuais e Mestre em Ensino de Arte pelo programa de Mestrado Profissional da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ProfArte – FAALC - UFMS). Segundo o portfólio do artista⁶ suas obras são voltadas para as percepções do cotidiano, seja nas pinturas em telas ou no muralismo. O artista tem trabalhos relevantes para as artes na cidade branca, tais como, convite para produzir murais da Santa Casa de Corumbá, onde realizou suas produções nos setores da Oncologia na área Masculina e Feminina (figura 40, figura 41) e no setor de Psicologia.

Figura 40. Mural dedicado à ala feminina de oncologia.



Fonte: Portfólio do Artista, 2025.

Neste mural do artista Victor Hugo, é possível observar a figura de uma bailarina, que representa leveza, delicadeza e a feminilidade da mulher. A escolha

⁶ O portfólio de Vitor Hugo de Souza foi disponibilizado pelo artista para a pesquisadora por um aplicativo de mensagens digitais (whatsapp) no dia 03.02.2025.

dessa imagem reforça a sensibilidade e a força presentes no universo feminino. As cores vibrantes e harmoniosas utilizadas na obra contribuem para suavizar o clima hospitalar, transformando o espaço em um ambiente mais acolhedor e humanizado. Além disso, ao observar essa pintura, torna-se inevitável lembrar das expressões artísticas e apresentações culturais promovidas na cidade por meio de diversos projetos locais.

Figura 41. Mural dedicado à ala masculina de oncologia.



Fonte: Portfólio do Artista, 2025.

Já no mural localizado na área masculina, observa-se a imagem de um homem sentado em um galho de árvore, tocando seu violão, enquanto, mais abaixo, um peixe salta na água. Essa cena remete à figura do homem pantaneiro com sua viola, entoando modas sertanejas, e ao ambiente ribeirinho típico da região, representado pela água terrosa semelhante à do rio Paraguai. A obra expressa a valorização que o artista dá à terra em que vive, exaltando elementos da cultura local. Inserir essa

pintura em um ambiente hospitalar é algo reconfortante: rompe com a frieza e o silêncio típicos do espaço clínico e, de certa forma, desvia o foco do paciente do contexto delicado de um setor de oncologia.

Vitor Hugo já fez algumas exposições dentro e fora da cidade branca, como, a Exposição Casa de Memória Dr. Gabriel Vandoni de Barros em 2016 (Corumbá – MS); Exposição SESC em 2016 (Corumbá – MS), com o tema “A liberdade de expressão pela essência da figura”; Exposição intitulada “Cores no formato de poesia, história e cultura” em 2018 (Campo Grande - MS); Exposição para Semana dedicada ao Patrimônio em 2018 (Corumbá - MS); Exposição no FESTIVAL AMÉRICA DO SUL, em 2018 (Corumbá – MS).

Segundo o diário corumbaense (Nelson Urt, 2018), o artista participou de um projeto no Sesc-Corumbá, em comemoração aos 100 anos do poeta Manoel de Barros, com intervenções em murais internos. O artista também busca retratar em suas obras, indígenas, tentando mostrar como se relacionam com a natureza e o olhar das pessoas sobre eles. O símbolo materno também é outro assunto que o artista busca representar, talvez por forte influência de sua mãe, “Eu a via pintar e assistia desenho animado, com as críticas dela, e quando ela parou de pintar eu quis levar isso para frente” disse o artista à reportagem.

Ainda na mesma reportagem do diário corumbaense contou que representou Mato Grosso do Sul no projeto de intercâmbio Brasis, pela Fundação Nacional da Arte (Funarte)em Pelotas e no Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul. “Foi quando um professor universitário me contou que via muito das águas do rio Paraguai na minha pintura, o que me ajudou a refletir sobre meu trabalho, até ali eu não tinha reparado nisso”, contou o artista. Criou sua própria marca de camisetas, a Ghost Flowers, com estampas artesanais que ajudam a projetar seu trabalho até no exterior. As encomendas ajudam a custear os recursos para as produções de seus quadros. (Nelson Urt, 2018)

O artista Vitor Hugo Aguilar de Souza, realizou uma homenagem (figura 42) juntamente com o artista plástico Jamil Canavarros, para a artista Izulina Gomes Xavier no ano de 2021, Vitor Hugo diz que a homenagem é mais do que merecida diante de tamanha grandeza que Izulina representa, não só pelos trabalhos artísticos, mas pelo literário e projetos sociais com os quais sempre foi envolvida.

Em entrevista ao diário online, o artista explica que: “Essa homenagem vem com intuito de demonstrar o tamanho que é a produção da Izulina e o significado dela

para nós. As obras dela estão presentes no nosso dia a dia. Muitas vezes as pessoas esquecem os artistas, mas nada mais importante fazer essa homenagem, não só a ela como outros artistas, produtores da cultura corumbaense" (Cabral - 2021)

Figura 42. Registro do mural em construção em homenagem à Izulina.



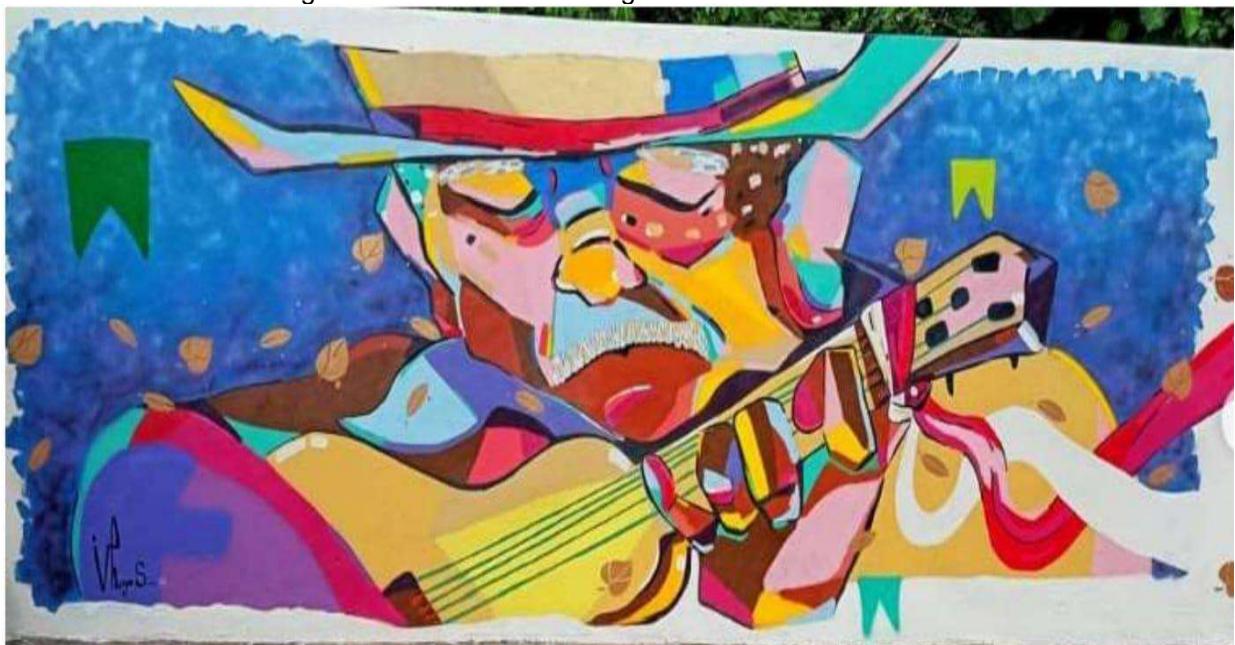
Fonte: Diário Corumbaense.

O mural criado em homenagem à artista Izulina Gomes Xavier reúne representações de algumas de suas obras mais marcantes, como o Cristo Redentor, a escultura de São Francisco de Assis, seus contos literários, e o sol com aves presentes na fachada do Art Izu — casa onde a artista viveu e produziu grande parte de sua obra. No centro da pintura, destaca-se o retrato de Izulina segurando uma espátula, símbolo de seu trabalho artístico. Do bolso de sua camisa saem bolas coloridas, que simbolizam a força criativa e a imaginação que marcaram sua trajetória como artista.

Vitor Hugo Souza, também realizou outro mural em homenagem (Figura 43), ao mestre cururuero Seo Agripino, nas instalações do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), com o patrocínio da Fundação de Cultura de Corumbá/MS. (Vitor Hugo Aguilar de Souza - Mestrado)⁷

⁷ Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, como requisito para defesa à

Figura 43: Mural em homenagem ao mestre cururueiro.



Fonte: Souza,2023.

Como mencionei em nota de rodapé deste subtítulo, o portfólio foi disponibilizado pelo artista através de uma conversa pelo aplicativo de mensagens digitais (WhatsApp). Eu já conhecia o artista Vitor Hugo pessoalmente antes mesmo de conhecer suas obras e seu trabalho artístico. Tive a oportunidade de ser sua aluna no ensino fundamental, mesmo que por pouco tempo. Foi algo que me marcou, e eu nunca me esqueci do professor Vitor Hugo. Essa vivência influencia a forma como vejo sua obra.

Eu sempre o admirei como professor de artes, pela sua maneira de ensinar, e agora o admiro como artista. Não é por acaso que estou trazendo o artista em minha pesquisa. É uma honra poder falar sobre seu trabalho artístico, sobre sua importância para a arte local e dizer que tive o privilégio de ser sua aluna. Como futura arte-educadora, espero também poder marcar a vida dos meus alunos de forma positiva, incentivando-os a reconhecer e valorizar o lugar onde moram e o seu entorno.

3.7 Sobre: Rubén Darío Román Añez

Rubén Darío Román Añez (figura 44), nasceu em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia em 1947. Em 1965 há registros de sua atividade artística em Corumbá, ao

obtenção do Título de Mestre, na Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes. Orientação: Prof. Dr. Paulo César Antonini de Souza. Título: O olhar no ensino de arte: sei que vi, mas nunca reparei.

mesmo tempo mantém relações profissionais na Bolívia, como exposições em La Paz. As informações abaixo foram coletadas a partir de portfólio do artista enviado pela professora Ms. Mariana Arnt, salve citação contrária

Figura 44: Rubén Darío, posando em frente a uma de suas obras.



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Desde muito cedo revelou talento para as artes: aos cinco anos de idade já demonstrava habilidade incomum para o desenho e, com pouco mais de treze anos, participou de sua primeira mostra infantil.

Entretanto, entre essa fase inicial e o ano de 1965, sua produção artística foi escassa, chegando inclusive a abandonar temporariamente o desenho. Incentivado por seus professores e, sobretudo, por seu pai, Rubén organizou seu primeiro conjunto de obras e, sob patrocínio da Prefeitura Municipal de Corumbá, inaugurou sua primeira exposição individual no Museu Regional do Pantanal, em 1º de junho de 1965.

Pouco tempo depois, em 3 de agosto do mesmo ano, realizou sua segunda exposição individual, no Centro Boliviano-Americano da cidade de La Paz, Bolívia, com o patrocínio do United States Information Service (USIS).

Rubén Darío, também atuou como ilustrador da revista “Ola Vizinho”, na cidade de Corumbá (MS). Em 1967, ingressou pela primeira vez na Escola de Artes Plásticas da Universidade Gabriel René Moreno (Santa Cruz de La Sierra). Nesse mesmo ano,

foi agraciado com o primeiro prêmio e a medalha de ouro na categoria de pintura, concedidos pelo Comitê Organizador da Fiesta del Arroz.

Dois anos depois, em 1969, integrou o grupo de artistas plásticos que participou da Exposição Comemorativa da “Semana Internacional del Arte”, organizada pela Alianza Francesa em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia.

Em 1977, participou do Salão de Artes Plásticas de Corumbá (MS), sendo agraciado com medalhas de ouro e de bronze. Posteriormente, em 1985, integrou o Salão Universitário de Artes Plásticas do Paraná, em Curitiba (PR), onde conquistou o seu primeiro prêmio na categoria desenho.

No ano de 1997, participou do 2º Festival de Corumbá – Arte e Cultura Latino-Americana, em exposição coletiva chamada de “Panorama das Artes Plásticas em Corumbá” juntamente com Denise Nascimento, Edson Castro, Izulina Xavier, Jonir Figueiredo, Jorapimo, Vera Nery.

No mesmo ano, integrou uma mostra na Galeria Wega Nery, no Centro Cultural José Octávio Guizzo, em Campo Grande (MS). Para esta mostra a professora Maria da Glória Sá Rosa escreveu o texto que reproduzo abaixo e que foi intitulado “A Latinidade de Rubén Darío”:

Pode-se facilmente reconhecer em cada signo das obras de Rubén Darío a presença forte das paixões que compõem a saga gloriosa de uma América Latina, onde os conflitos são a marca dominante de gerações em luta contra a tirania, na busca da sempre sonhada liberdade.

Natural da Bolívia, esse artista radicado há longos anos em Corumbá, resgatou através da pintura, com o vermelho da tinta funcionando como o sangue que corre nas veias da tela, inúmeros episódios revolucionários de seu país de origem. Homens e mulheres, crianças e soldados são células de um organismo vivo, das quais se vale o autor para reconstituir com os olhos do talento e da experiência os horrores das guerras.

Premiado em inúmeros salões e exposições, tanto no Brasil, como no exterior, não se deixa aprisionar por nenhum modismo de vanguarda. Em suas obras atuais, tanto se pode encontrar o desespero dos amantes, em luta contra a morte, quando a solidão calma das paisagens invernais, ou a expressão desocupada de um adolescente... A pintura é para Rubén Darío uma forma de autobiografia, onde vão-se organizando todos os elementos catalogados através do tempo pelo coração e pelo cérebro para a comunicação com o público.

Segundo Edvard Munch, a cujo expressionismo algumas obras de Rubén Darío podem ser filiadas, “uma obra de arte só pode vir do interior do homem.” É o que prova esta exposição fabricada pelos nervos e pelo coração de um artista latino-americano.⁸

Maria da Glória de Sá Rosa
Da assoc. Brasileira de Críticos de Arte

⁸ Portfólio do artista Rubén Darío, disponibilizado via aplicativo de mensagem WhatsApp, pela professora Mariana Arnt.

Figura 45:Rubén Darío. Protesto. Pastel s/ canção A3, 1992.



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

A obra “Protesto”, de Rubén Darío, apresenta vários rostos lado a lado, sem contornos definidos, com pessoas de boca aberta, como se estivessem gritando, e mãos fechadas segurando o que parecem ser pedaços de madeira. A composição transmite um forte sentimento de revolta e resistência, representando um grupo de pessoas lutando por algo em que acreditam.

Em minha pesquisa de campo tive a oportunidade de conhecer o ateliê do artista Rubén Darío, que fica em sua casa. Infelizmente, não consegui vê-lo, pois ele sofreu recentemente um AVC (Acidente Vascular Cerebral) e, no dia em que fui até sua residência, estava acamado. Porém, sua esposa, Gena, me atendeu e me recebeu muito bem, permitindo que eu fizesse alguns registros de suas obras.

Como eu ainda não conhecia o artista, não sabia ao certo como eram seus trabalhos, mas ao conhecer seu ateliê e o portfólio que me foi disponibilizado pela Mariana Arnt, fiquei encantada com suas obras e com sua trajetória artística. Tive o prazer de ver e apreciar suas produções, e isso me marcou muito. Minha intenção era

poder conversar um pouco com ele porque, pelo pouco que vi, consegui enxergar a grandeza que é esse artista.

Fico muito triste que muitas pessoas ainda não conhecem seu trabalho. Infelizmente, o artista não tem o reconhecimento que merece, e através dessa pesquisa eu espero que mais pessoas possam conhecer o trabalho de Rubén Darío. Desejo que eu seja a primeira de muitas pessoas que levarão o nome desse artista para frente.

Figura 46:Rubén Darío.O Grito. Óleo s/ tela, 85 x 50 cm, 1975.



Fonte: Gilberto Luiz Alves

Embora o nome da obra “O Grito” já revele seu tema central, ao observá-la percebemos o predomínio dos tons de azul, que preenchem quase toda a tela, com manchas em preto definindo o contorno da figura que grita. A expressão do

personagem transmite dor e tristeza, como se algo estivesse aprisionado dentro de si e ele precisasse libertar por meio do grito.

Percebo que o sol forte de Corumbá, o rio Paraguai, a paisagem pantaneira foi e é muito representada pelo artista Rubem Dario, exemplifico pelas obras seguintes:

Figura 47:Rubén Darío. Êxtase. Óleo s/ tela 100X150cm, s/ data.



Fonte: Catálogo Comemorativo 30 anos MARCO,2021.

Atento o artista não se exime de expressar as questões imanentes da região de Corumbá que tanto afligem, como as queimadas e a caça em demasia ao jacaré.

Figura 48:Rubén Darío. Obra sem título e sem data:



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

Nesta obra, podemos perceber como o artista buscou retratar o sofrimento dos animais diante das queimadas ocorridas no Pantanal. Ele conseguiu transmitir a angústia e o desespero dos animais que tentam fugir do fogo que consome toda a flora do ambiente pantaneiro.

Ao fundo, observa-se uma onça com a boca aberta em meio às chamas, como se gritasse por socorro, assim como os jacarés, que também estão sendo atingidos. Na parte superior da tela, nota-se um tuiuiú fugindo das chamas e da fumaça que

sobe. Embora não seja uma pintura realista, o artista procurou representar com detalhes a pele dos animais, a fumaça subindo, o fogo e a vegetação.

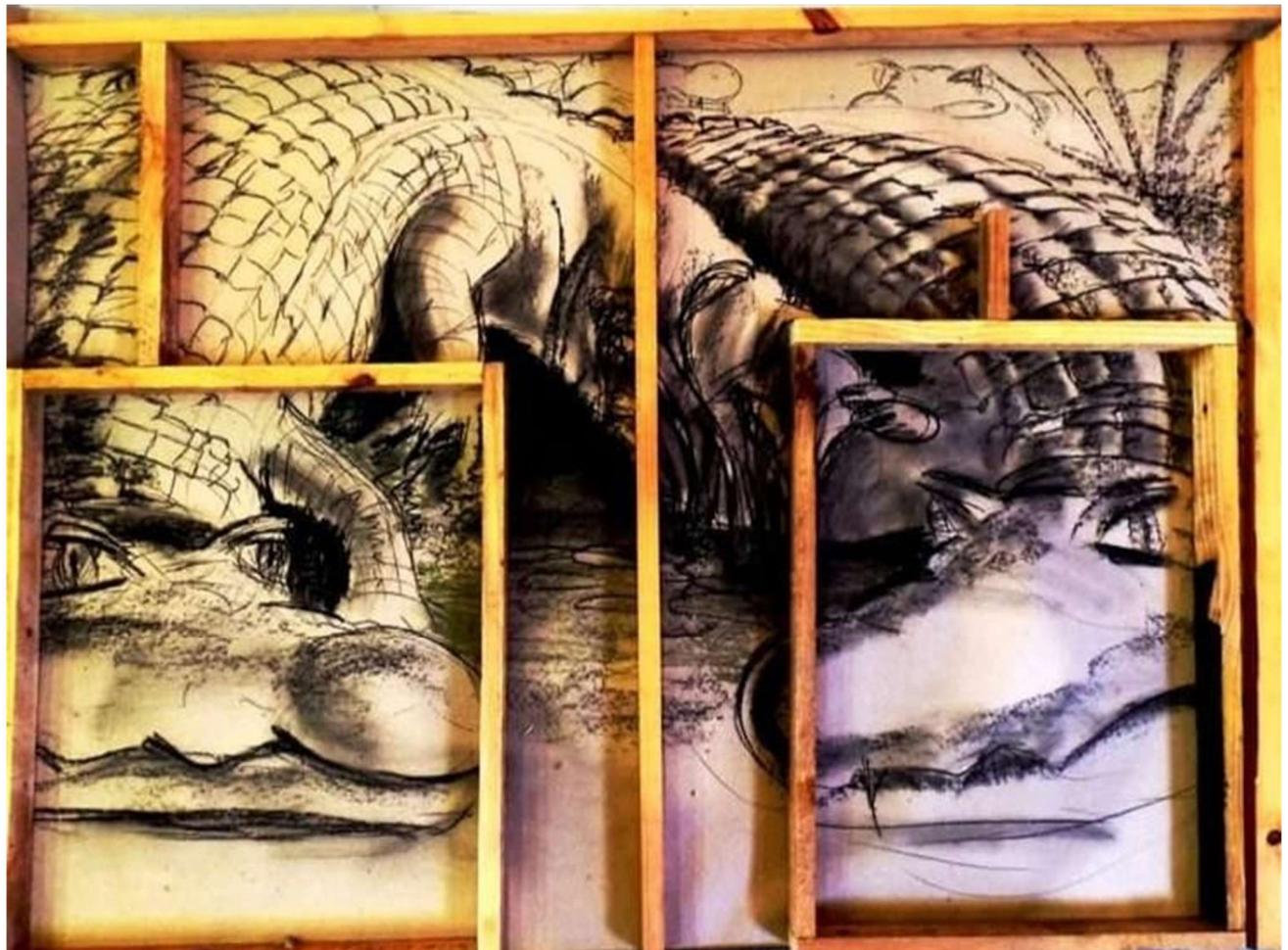
Figura 49:Rubén Darío. Obra sem título e sem data:



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

A obra retrata as queimadas no Pantanal, mostrando o sol encoberto pela fumaça e o ambiente alaranjado e escurecido. A cena lembra as queimadas de 2020, consideradas as piores da história, que causaram a morte de milhares de animais e destruíram grande parte da vegetação pantaneira. Qualquer corumbaense que observar essa obra é capaz de sentir tristeza e lembrar-se desse período marcante, que afetou profundamente a paisagem e a memória da região.

Figura 50:Rubén Darío. Jacaré engaiolado - técnica mista (papel, carvão e madeira), s/ data.



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Figura 51:Rubén Darío. Obra sem título. Óleo s/ tela, s/data:



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Nesta obra, observamos a figura de uma mulher nua deitada, sobre a qual desce uma ave conhecida popularmente como tuiuiú. A composição da cena e a forma como a mulher está posicionada, com o tuiuiú sobre seu corpo, remetem ao mito de Leda e o Cisne. Acredito que o artista buscou representar essa narrativa mitológica, porém substituindo o cisne pelo tuiuiú, ave símbolo do Pantanal, estabelecendo assim uma relação entre o imaginário universal e a identidade regional.

Figura 52:Rubén Darío. Obra sem título.Óleo s/ tela, s/data:



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

3.8 Sobre: Marlene Mourão

Marlene Mourão (Figura 53), nasceu em Coxim (MS), no dia 18 de setembro de 1945. Formou-se em Pedagogia em Campo Grande (MS) e, desde 1971, reside em Corumbá. (Mourão,2018).

Em um dos programas do quadro *Artistas Pantaneiros* publicado no YouTube, a artista comentou que também é chamada por diferentes apelidos — Peninha, Pena, Penão, Mar, Marzinha e tantos outros diminutivos. Para ela, essa variedade de nomes reflete a multiplicidade de personagens que carrega dentro de si e que a ajudam a criar. É dessa mistura que nasce a sua arte, entendida pela artista como a expressão da liberdade.

Além de artista visual, Marlene também foi professora pedagoga, publicou livros e mantém muitas produções guardadas ou espalhadas pela casa. Sua criação transita entre o desenho, a escrita, a pintura em aquarela, o bico de pena, os personagens de quadrinhos e a poesia. Para ela, a capacidade de criar está presente em todas as pessoas — basta permitir que aflore.(*Artistas Pantaneiros*,2021)

Segundo o *Diário Corumbaense* na reportagem intitulada “Exposição traz trajetória artística de Peninha” (Gaertner,2009), a artista Marlene Mourão inaugurou

em 27 de novembro de 2009, no Centro de Convenções, a exposição “*Marlene Mourão em 4 tempos*”. Sobre a mostra, a artista destacou: “*Tem um pouco de tudo o que faço desde 1968 até agora. É aquilo que faço mesmo, coisas que as pessoas já viram e coisas novas também*”. Ao longo de sua trajetória, Peninha — como também é conhecida — afirmou nunca ter deixado de produzir.

De acordo com a mesma reportagem do Diário Corumbaense, a artista é igualmente reconhecida pelo seu engajamento social e ambiental, frequentemente expresso em suas obras e discursos. Destaca-se como defensora do meio ambiente, sobretudo do Pantanal. Foi uma das articuladoras da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, no coração do Pantanal, e participou do Pacto pela Cidadania, por meio do Movimento Viva Corumbá. Também atuou em defesa do Trem do Pantanal e na preservação do Rio Paraguai, quando coordenou a Organização de Cidadania, Cultura e Ambiente (OCCA). (Gaertner,2009)

Figura 53: Registro fotográfico de Marlene Mourão, 2021



Fonte: Capital do Pantanal, 2017.

Tive o prazer de ler as obras da artista Marlene Mourão, todas encantadoras. Seguindo uma ordem cronológica, começo pelo livro “**Azul dentro do Banheiro**”, que logo me chamou muita atenção.

Figura 54: Livro: Azul dentro do Banheiro



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Obra publicada em 1970, que recebeu crítica poética por Manoel de Barros em uma carta enviada em 1976.

Campo Grande, 16 de agosto de 1976.

Marzinha,

Não sei dizer nada de sua poesia, senão que ela me deu um sacolejão e me jogou no cansaço e me buleversou, desbarrancou, me floresceu, frutificou e me deitou debaixo de um trilho de trem onde eu morri de amores por Marzinha. Tenho 60 anos e quero ser eu. Veja que a gente chega no fim e tem que voltar.

Morrer é um prêmio para quem soube usar a palavra como você. A poesia está coberta de escuros. "O poeta é um fingidor". Você tem de ENCENAR mesmo. Ai meu Fernando Pessoa, a Marzinha quer ser ela. Qual nada, menina. "O poeta é um fingidor". Seu livro você já viveu e pronto. Mas ele é bom e é pura poesia porque você o inventou, encenou. Você chora no cinema, quando você vê criança esquálida, vietnamita, saindo de um buraco que chamam de casa e andando perdida no meio das ruínas. Você é uma criança andando perdida no meio das ruínas. É o que me comove em sua poesia, que é legítima, inventiva, despreza as convenções, as falsas emoções, os falsos carnegões, as falsas ladainhas... Agora esse livro você já viveu, já compôs, deu forma e sentido. Agora saia do banheiro... A máscara é necessária. Essa do nascimento

Você é mais você quando você é mais multiplicada nos seres. Você é todo mundo na sensibilidade e daí que é poeta.

Louvo Corumbá, que revelou Marzinha. Louvo Mato Grosso. Louvo o Mundo. Louvo Marzinha. Louvo “Azul dentro do Banheiro”, que não tem destinatário, que não pretende nada, que não tem prefácio nem orelha, que não tem padrinho e nem mesmo não tem o nome do autor - mas é um legítimo livro de poesia.

Manoel de Barros.

Ao olhar para a capa, imaginei que seria um conto, talvez até uma narrativa infantil. Mas, ao abrir o livro, fui surpreendida por poesias que me prenderam de tal forma que não consegui parar de ler. Versos simples, mas carregados de memórias e de um grande desejo de viver intensamente e de forma fiel à própria identidade. Como a própria artista afirma em diversos momentos: “eu só quero ser eu”. Essa frase ressoou em mim como um grito de liberdade — de ser uma pessoa sem máscaras, sem as amarras que a sociedade nos impõe. Um desejo de ser tudo e nada ao mesmo tempo, de viver cada instante intensamente, de permitir-se sentir: chorar, rir de si mesma, experimentar a vida em sua plenitude.

Um trecho do livro “Azul Dentro do Banheiro” que me marcou especialmente foi este:

Tenho que ser eu.
Assim como sou, sem medo, dentro do banheiro.
Eu me vejo correndo atrás das borboletas, roubando o mel das abelhas da flor.
Eu me vejo sem graça
quando chego perto de quem eu amo (Mourão, 2018).

Ao ler esses versos, imediatamente me veio à memória o poema “**Bocó**”, de Manoel de Barros. Para mim, ambos convergem: o de enxergar a beleza nas coisas mais simples da vida e de permitir que a criança interior venha à tona, livre para ser como deseja.

Outra obra de Mourão bastante conhecida pela população corumbaense são as tirinhas de “Maria Dadô”, publicadas semanalmente, às sextas-feiras, pelo *Diário Corumbaense*. Em reportagem do próprio jornal, registra-se que a artista plástica Marlene Mourão foi convidada a conversar com universitários da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para explicar o processo de criação da personagem.

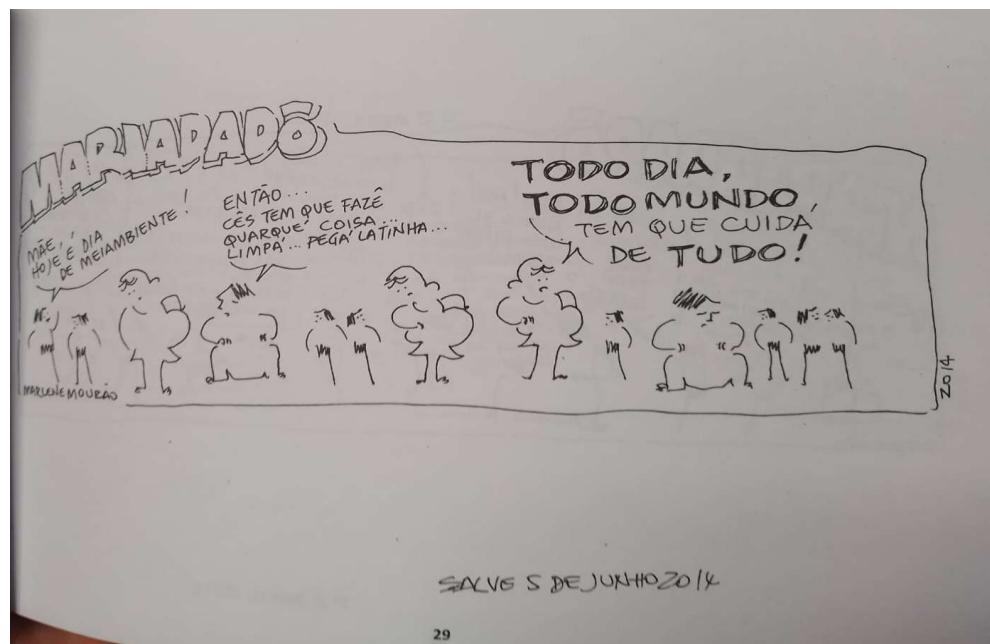
Figura 55: MARIADADÔ, o livro.



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

Segundo a artista, Maria Dadô, a citada personagem surgiu em 1979, a pedido dos proprietários da revista *Grifo*, publicação que circulou apenas por alguns meses no Estado. A personagem permaneceu quase 30 anos esquecida até que, em 2007, a convite do *Diário Corumbaense*, Marlene retomou a produção das tirinhas.

Figura 56: Página do livro MARIADADÔ.

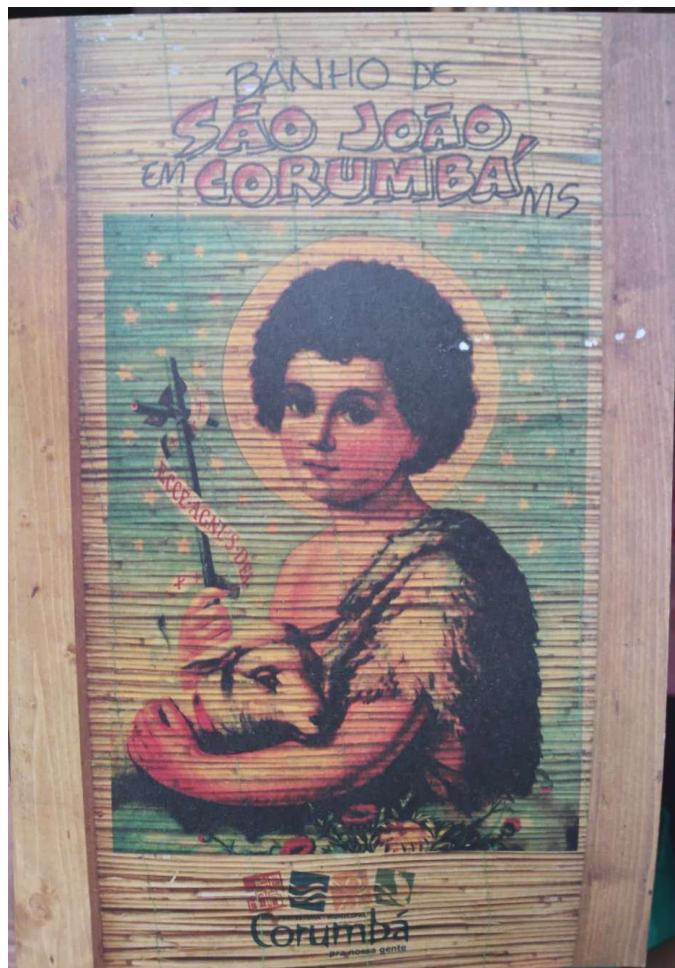


Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

Em seus relatos, a artista destacou a forma como moldou a fala característica da personagem:

Essa fala é própria de corumbaense, pantaneiro e tal, mas é do cuiabano também. Eu sou coxinense e desde criança, em Coxim, que era mais ligada com Cuiabá, que era capital, a gente sempre ouvia esse som chiado. Quando vim pra Corumbá, vi que a fala daqui era semelhante com Cuiabá, são descendentes, então eu já tinha dentro de mim esse falar cuiabano, que é corumbaense e pantaneiro também. (Mourão, apud in:Gaertner, 2010)

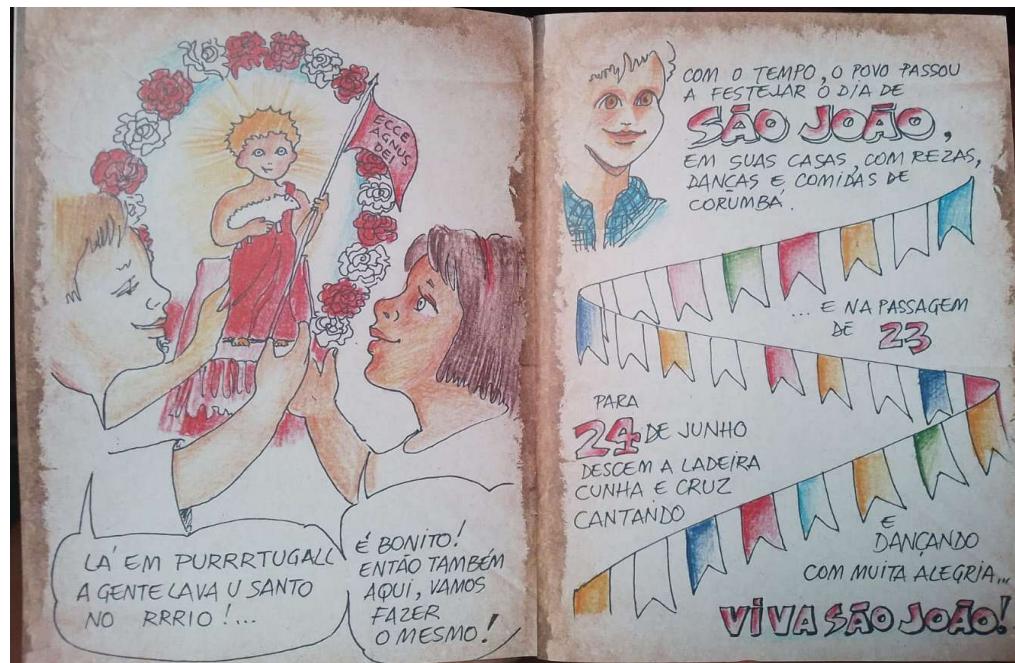
Figura 57: Banho de São João em Corumbá, MS:



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

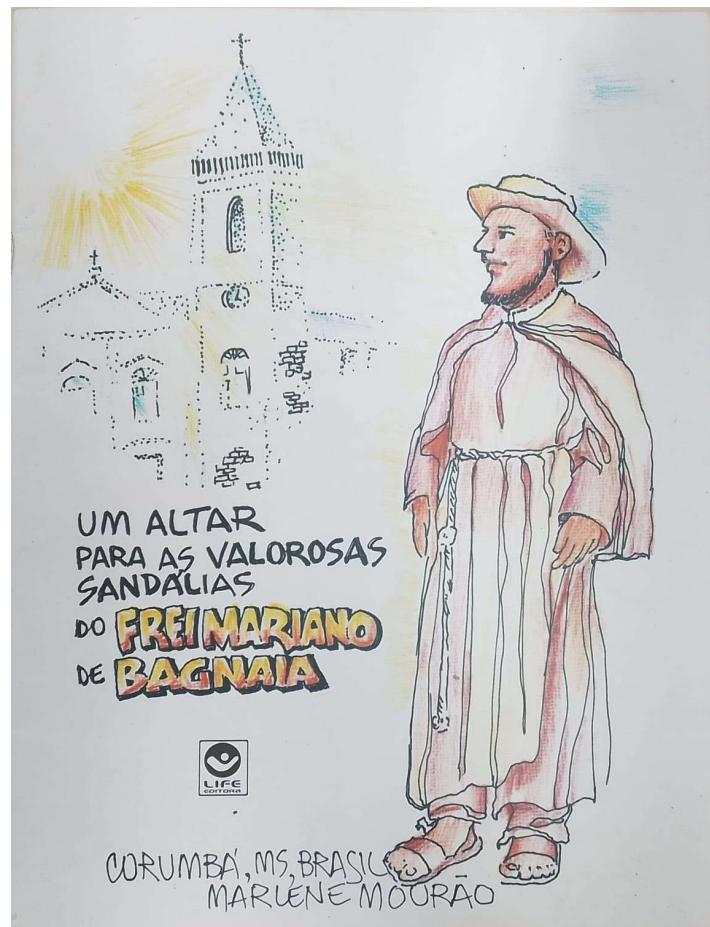
A artista também desenvolveu a cartilha “Banco de São João, em Corumbá-MS”, que registra a tradição local da descida da ladeira até o Rio Paraguai, na virada do dia 23 para 24 de junho, para o ritual de banhar o santo. A cartilha, totalmente ilustrada pela própria artista, reúne registros fotográficos e inclui, ao final, descrições das comidas típicas da festa, como o sarrabulho (ou sarravulho), prato tradicional da culinária pantaneira.

Figura 58: Página do livro: Banho de São João em Corumbá, ms.



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

Figura 59: Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia:



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A cartilha desenvolvida pela artista Marlene Mourão narra a trajetória do missionário Frei Mariano, abordando não apenas o período em que viveu em Corumbá, mas toda a sua história de vida. A obra apresenta desde sua infância, destacando seu sonho e preparação para se tornar missionário, até os lugares por onde passou, as catequesis realizadas e as igrejas que ajudou a fundar.

O material também relata o momento em que Frei Mariano foi preso pelos paraguaios durante a Guerra da Tríplice Aliança, sua chegada e estadia em Corumbá, bem como sua posterior ida ao Rio de Janeiro e suas últimas jornadas. Nascido com o nome de Saturnino, recebeu dos padres capuchinhos o nome de Mariano.

Figura 60: Página do livro: Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia:



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Do livro *Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia*, destaco o seguinte trecho presente no imaginário dos corumbaenses:

A Lenda que tem várias versões, diz que frei mariano, desgostoso pelo egoísmo e atitudes de alguns elementos da sociedade local, que se negaram a contribuir para a construção da Igreja, ou que prometiam e depois não cumpriam, deu as costas à Corumbá e partiu batendo a poeira das sandálias.. pra não “levar nada deste lugar...”

Outros dizem que jogou no Rio Paraguai...

O que se pode considerar fato é que as viagens que se faziam neste tempo, eram à cavalo, o que levava meses para chegar ao destino... e a sede do governo imperial era no Rio de Janeiro, bem como os superiores a quem o missionário teria que pedir licença...

Frei Mariano, ao sair de Corumbá para esse destino, estava traçando o seu destino. Já debilitado física e mentalmente, solicita aos superiores que repatriar ou que mandem de volta à sua Corumbá...

... O Missionário é enviado para outro lugar...e outras funções e responsabilidades...

... Ou é só imaginar o desfecho: Se sentindo inútil onde estava e mal interpretado no lugar para onde gostaria de ir e viver até o fim da vida... (.....)

De acordo com o livro “Vozes das Artes Plásticas”, Marlene participou de inúmeras exposições, dentre as quais as coletivas: Salão de Artes Plásticas Bicentenário de Corumbá - FUNARTE (1978); Salão Arte Jovem de MT - Cuiabá, MT(1978); Coletiva Sesi - Rio de Janeiro, RJ (1986); MS Pinta no Rio - Rio Arte e FCMS - Rio de Janeiro (1988); 1º Mostra de Arte Ambiental - Curitiba, PR (1988); Arte Sul-Mato-Grossense - Desenhos/Gravuras/Fotografias - Tbilisi, Geórgia, URSS (1989); 1º e 2º Festival de Arte e Cultura Latino-Americana - FCMS e UFMS - Corumbá, MS (1996 e 1997); e 1º Festival América do Sul - Corumbá, MS (2004).

Das individuais, destacam-se: Olhos de Mar - Museu Regional do Pantanal - Corumbá,MS (1983); Pintura e desenho - Fábrica Itaú - São Paulo, SP (1983); Projeto ECOA - São José dos Campos, SP (1994); Painéis Pantanal - Caixa Econômica Federal - Corumbá, MS (1994); e INFRAERO - Aeroporto Internacional de Corumbá, MS (1999 e 2003). (Fabio Pellegrini e Daniel Reino,2013.)

Figura 61: Marlene Mourão. Boiada, desenho nanquim s/ papel, 40x30cm. 2009.



Fonte: Vozes das Artes Plásticas, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa refletiu sobre a importância de um ensino de Arte que valorize a cultura do entorno do aluno, especificamente, compondo os planos de aula a partir de referências artísticas que estão presente no entorno dos alunos, tomando como foco a cidade de Corumbá. Partiu-se da experiência da autora de que as aulas de arte, frequentemente desconsideram o repertório cultural do município de Corumbá, priorizando artistas consagrados nacionais e muitas vezes estrangeiros.

A investigação sobre as trajetórias artísticas de Izulina Xavier, Jorapimo, Wega Nery, Jonir Figueiredo, Jamil Canavarros, Vitor Hugo, Rubén Dario e Marlene Mourão revelou a pluralidade e a riqueza do ambiente cultural corumbaense e reforçou a convicção de que esses artistas precisam estar representados no currículo escolar, inclusive, com saídas pedagógicas do ambiente escolar para conhecer as obras e poder vivenciar as experiências “*in loco*”.

O Projeto de Curso intitulado Artistas da cidade Branca no ensino de arte de Corumbá - MS apresentou uma sequência didática que buscou aproximar o ensino desse entorno cultural dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo, tal proposta contribui para que o aluno perceba que a arte está ao seu redor, portanto, não é algo distante ou inalcançável, precisamos refletir que desta maneira valorizamos o despertar do sentimento de pertencimento ao local.

Esta pesquisa de TCC reforça a necessidade de um ensino de arte específico à escola onde ocorre e isso inclui pensar em quais são os artistas da região, portanto, essa pesquisa reforça que o ensino de arte deve ultrapassar a mera reprodução de modelos externos, ou, das famosas apostilas que as matrizes das escolas enviam para todas as unidades deste um grande centro, como acompanhamos ocorrer na cidade de Campo Grande.

Espero que este estudo possa inspirar novas práticas pedagógicas mais significativas e libertadoras e comprometo-me com esses princípios na minha futura prática docente na cidade de Corumbá.

REFERÊNCIAS:

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA PMC. Obras de artistas locais ganham espaço na sede da Prefeitura de Corumbá. *Prefeitura Municipal de Corumbá*, 31 jul. 2019.

AMARAL, Maria Eugênia Carvalho do. Vozes das Artes Plásticas. Campo Grande: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Cidades@: Corumbá (MS)*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAVALCANTE, Camila. Jamil Canavarros comemora 35 anos de arte com exposição no Sesc Corumbá. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 04 fev. 2016. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=82583>.

CORUMBÁ. Obras de artistas vão embelezar o Paço Municipal. Prefeitura Municipal de Corumbá, 31 jul. 2019. Disponível em: <https://ww2.corumba.ms.gov.br/2019/07/obras-de-artistas-locais-vao-embelezar-o-paco-municipal/>.

CABRAL, Leonardo. Artistas plásticos retratam homenagem à Izulina Xavier em mural ao ar livre. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 21 maio 2021. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=124667>.

Carta de serviço ao cidadão. Disponível em: <https://corumba.ms.gov.br/locais/56>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAERTNER, Lívia. Izulina Xavier: escultora é homenageada por sua trajetória na arte sul-mato-grossense. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 16 nov. 2022. Disponível em: https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=134730#google_vignette.

GAERTNER, Lívia. Exposição traz trajetória artística de Peninha. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 26 de nov. de 2009. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=7734>

GAERTNER, Lívia. Maria Dodô é tema de estudos de acadêmicos da UFMS. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 20 de nov. de 2010. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=22395#:~:text=A%20artista%20pl%C3%A1stica%20Marlene%20Mour%C3%A3o,circulou%20poucos%20meses%20no%20Estado>.

MACIULEVICIUS, Paula. Da menina que o pai nunca proibiu de fazer arte à dona das estátuas de MS. *Campo Grande News*, Campo Grande, 21 fev. 2015. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/da-menina-que-o-pai-nunca-proibiu-de-fazer-arte-a-dona-das-estatuas-de-ms>.

MOURÃO, Marlene Terezinha. Azul dentro do banheiro. 2.ed. Dourados - MS: Arrebol Coletivo, 2018

MARTINS, Ara de Andrade. Jonir: uma trajetória de vida construída com arte. Ilustração: vários colaboradores. Campo Grande: da autora, 2022. 100 p.

NUNES, Rosana. Artista plástica Izulina Xavier homenageada em praça pública. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 22 nov. 2009. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=7597>.

PELEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (Org.). *Vozes das Artes Plásticas*. Campo Grande: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

Prefeitura de Corumbá. Disponível em: <https://corumba.ms.gov.br/paginas/ver/hist%C3%B3ria>

REDAÇÃO. Sesc reúne artistas plásticos em exposição para homenagear Corumbá. *Gazeta do Pantanal*, 02 set. 2014. Disponível em: https://www.gazetadopantanal.com/2014/09/sesc-reune-artistas-plasticos-em-exposicao-para-homenagear-corumba/#google_vignette.

RODRIGUES, Morgana Duenha. Identidade Regional e Pintura de Paisagem em Mato Grosso do Sul. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro de Ciências Humanas. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientador: Profª. Drª Maria Adélia Menegazzo. 2012

ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; PENTEADO, Yara. *Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: M. G. S. Rosa, I. Duncan, Y. Penteado, 2005.

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/morre-aos-73-anos-jonir-figueiredo-icona-das-artes-visuais-de-ms>

ROSIN, Priscila. As fases pictóricas de Wega Nery. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Orientador: Prof. Dr. Norberto Stori. 2011.

SOUZA, Vitor Hugo de. Portfólio artístico. Enviado via aplicativo de mensagens WhatsApp para a pesquisadora em 03 fev. 2025.

SOUZA, Vitor Hugo Aguilar de. *O olhar no ensino de arte: sei que vi, mas nunca reparei*. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES, Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Linha de pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Antonini de Souza. 2023.

URT, Nelson. Cidade e gênios da pintura inspiram obras de artista plástico revelação. *Diário Corumbaense*, Corumbá, 21 set. 2018. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=105231>.

VÍDEO. *Artista Plástico - Jorapimo*. YouTube, 2021. Entrevista com a filha do artista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RTSPwFq6IBI>.

VÍDEO. *Artistas Pantaneiros - Marlene Mourão*. YouTube, 2021. Entrevista a artista Marlene Mourão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GYp4Kv0FqUA>



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**ANA LAURA RODRIGUES
BATISTA RONDON**

**Artistas da cidade Branca
no ensino de arte em
Corumbá**

Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais apresentado como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Artes Visuais — Licenciatura — da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientação: Prof. (a). Dr. (a). Simone Rocha Abreu.

Campo Grande - MS
2025

1. APRESENTAÇÃO

O projeto “Artistas da Cidade Branca no Ensino de Arte em Corumbá” tem como objetivo desenvolver aulas expositivas e práticas que apresentem a vida e a obra de artistas da cidade de Corumbá-MS, como Jorapimo, Jonir Figueiredo, Wega Nery, Izulina Xavier, Rubén Darío, Vitor Hugo, Jamil Canavarros e Marlene Morão.

A proposta busca aproximar os alunos da produção artística local, valorizando a cultura e a identidade regional por meio do ensino de Artes Visuais. Entre as práticas previstas, estão visitas a galerias e ateliês de alguns desses artistas, além da realização de atividades práticas inspiradas nas linguagens e técnicas utilizadas por eles em suas obras.

A relação com a temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se dá pelo fato de que todos os artistas abordados neste projeto também compõem o estudo principal da pesquisa. Dessa forma, o projeto amplia o diálogo entre teoria e prática, permitindo que os alunos das escolas de Corumbá conheçam e valorizem os artistas da sua própria cidade.

2. OBJETIVOS GERAL

(MS.EF15LP13.s.13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

3. CONTEÚDO/TEMA GERAL

- Artistas de Corumbá/MS.

4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR

5º	ano	-	Ensino	Fundamental	I.
----	-----	---	--------	-------------	----

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 e 2

Objetivos específicos

- Identificar artistas da cidade de Corumbá e reconhecer sua importância para a arte local.
- Leitura de obras visuais.

Conteúdo específico

Introdução sobre os artistas da cidade de Corumbá, apresentando vida e obra de: Jorapimo, Jonir Figueiredo, Wega Nery e Izulina Xavier

Procedimentos Metodológicos

Iniciarei a aula cumprimentando a turma e, em seguida, perguntarei aos alunos se eles sabem ou já ouviram falar de artistas da cidade onde vivem. Após ouvir as respostas, introduzirei o conteúdo apresentando o artista Jorapimo, abordando aspectos de sua vida e apresentarei a obra intitulada *Barco no Camalote* (Fig.1), 1986. Com o objetivo de instigar os alunos para a leitura da obra, farei as seguintes perguntas mediadoras sobre a obra: O que a obra está retratando? Quais elementos percebemos na obra? Quais as cores presentes na obra? Quais são as partes que vocês pensam que o artista quis representar na região clara e escura?

Com essas questões pretendo chegar a uma leitura semelhante a: a obra retrata uma embarcação tomada pelas águas, encalhada entre os camalotes, aparentemente no meio do rio, já que não se observa terra nas proximidades. Ao fundo, é possível ver algumas vegetações que, provavelmente, pertencem ao bioma pantaneiro - frequentemente representado pelo artista em suas obras.

Figura 1:Barco no Camalote, 1986- Jorapimo

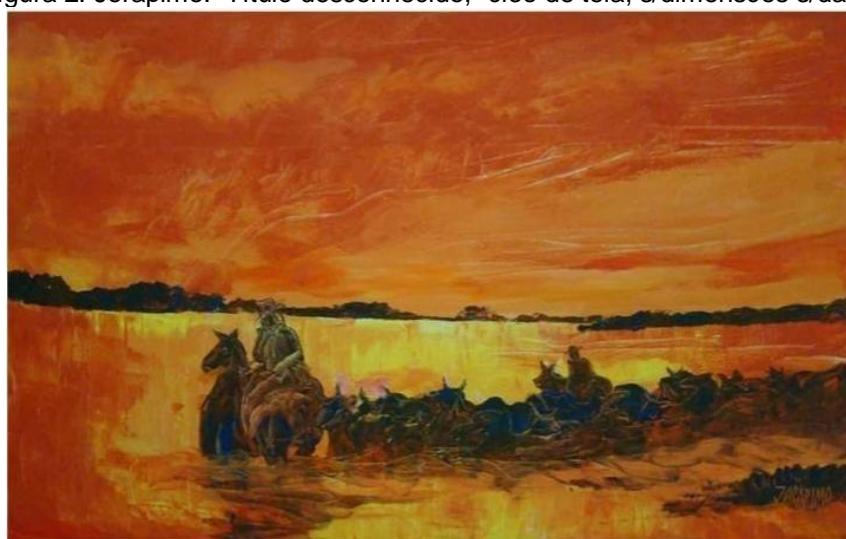


Fonte: Vozes das Artes Plásticas, 2013.

A outra obra que irei apresentar do artista (Fig.2, sem título), retrata a vida do homem pantaneiro atravessando sua boiada por meio do rio - uma cena típica de Mato Grosso do Sul, estado fortemente influenciado pela bovinocultura. Novamente farei as perguntas mediadoras definidas acima adicionando , objetivando uma leitura semelhante: as cores intensas sugerem o pôr do sol, cujo reflexo se mistura às águas, sendo interrompido apenas por uma mancha escura no horizonte, que representa a vegetação. O artista também expressa o movimento das águas por onde passa a boiada, acompanhada pelos peões que vão guiando.

Perguntas mediadoras sobre a obra: O que o artista quis retratar ao pintar esta obra? Quais são os elementos presentes na obra?.

Figura 2. Jorapimo. Título desconhecido, óleo de tela, s/dimensões s/data.



Fonte: Rodrigues, 2012, p.79.

Em seguida, farei o mesmo com o artista Jonir Figueiredo, abordarei com os alunos a obra: *Mapas do paraíso*, 1992 (fig. 3), novamente farei a mediação da leitura com as perguntas mediadoras definidas acima adicionando O que você observa primeiro quando olha para a pintura “Mapas do Paraíso”?; Quais elementos mostram que o Pantanal é um lugar especial? objetivando uma leitura semelhante a: a pintura mostra a natureza e a vida no Pantanal, dando destaque na fauna local, como tucanos, araras-azuis e tuiuiús, e a relação com o ambiente urbano, representado pelas pequenas casas às margens do rio. É chamada de mapa do paraíso porque mostra a beleza do pantanal, unindo a ideia de um mapa com a beleza da natureza

Figura 3.Jonir Figueiredo. Mapas do Paraíso - Pantanal Brazil (arara), 1992, acrílica s/ tela 88x188 cm.



Fonte:Col. Gilberto Luiz Alves, s/data.

A obra *Colete de Jacaré*, 1989 (fig 4)apresenta uma tela com fundo vermelho e, em primeiro plano, a imagem da pele grossa do animal com uma etiqueta “Export Brazil” — tanto na parte superior quanto na inferior de seu corpo —, sem que necessariamente apareça a figura de um jacaré em si. O fundo vermelho simboliza o sangue que escorre em decorrência da caça aos jacarés.

Perguntas mediadoras objetivando que os alunos façam a leitura da obra, serão as mencionadas acima e as seguintes: O que a obra pode nos ensinar sobre o cuidado com os animais e a natureza?; Você conhece outros animais que também correm risco por causa da caça?.

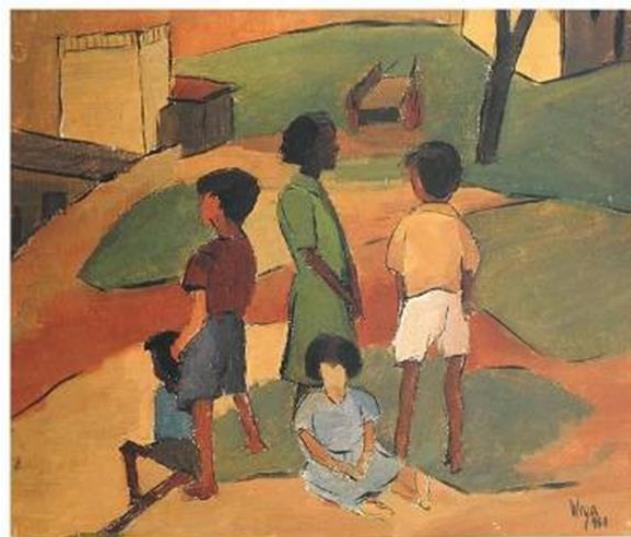
Figura 4. Jonir Figueiredo. Colete de Jacaré - Export Brasil. 1989, técnica mista, 50 x 70 cm



Fonte: obra acervo do Curso de Artes da UFMS, Fotografia da autora. 2025. Observação: a obra originalmente tinha uma etiqueta com os seguintes dizeres : Made in Brazil, que se perdeu.

Sobre a artista Wega Nery, abordarei a obra: *Bela Vista, Meninos* - 1950 (fig 5) : a artista retrata um grupo de crianças — duas sentadas no chão e duas em pé —, com uma senhora ao centro, de frente para um dos meninos. A obra representa a cena como se estivessem sobre um morrinho, ao redor do qual há algumas casas. Aparentemente, todos observam ou apreciam a paisagem vista do alto. Mediarei a leitura da imagem através das perguntas: o que vocês verificam na imagem? Quantas personagens existem nesta pintura? Perguntas mediadoras sobre a obra: Como você descreveria o ambiente onde eles estão? É calmo, alegre, simples?; Quais cores mais se destacam na pintura? O que elas fazem você sentir?.

Figura 5.Wega Nery. “Bela Vista, Meninos” (1950), óleo sobre tela 55X46 cm.



Fonte:(Rosin;Stori,2010, p.787)

Sobre Izulina Xavier, abordarei o monumento das três forças armadas (Fig 6) fixado no centro da cidade de Corumbá (Praça da Independência). Utilizarei as seguintes perguntas mediadoras: Quais elementos indicam que se trata de uma representação das Forças Armadas brasileiras? ; O que as expressões faciais e posturas das figuras podem transmitir?

Estas perguntas mediadoras objetivam uma leitura semelhante a : é possível identificar três figuras masculinas vestindo trajes militares da época da Segunda Guerra Mundial. Eles estão em posição de sentido, cada um utilizando um tipo diferente de chapéu, que remete, respectivamente, à Marinha, ao Exército e à Força Aérea - representando, assim, as três forças armadas. Ao lado estão duas placas com nome dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB);

Figura 6.Figura III. Representações das Forças Armadas na Praça da Independência.



Fonte: Registro Fotográfico,2025.

Outra obra do artista é o *Cristo Redentor* (Fig 7), uma das maiores esculturas da artista na cidade: trata-se de uma estátua de Cristo de braços abertos, que coroa o topo do morro do cruzeiro. É um dos principais símbolos religiosos, culturais e turísticos da cidade de Corumbá.

Perguntas mediadoras sobre a obra:Por que o Cristo Redentor é considerado um símbolo importante da cidade?; Vocês acham que essa escultura pode ser um ponto de encontro ou passeio para as pessoas?.

Figura 7:Obra icônica de Izulina Xavier: o Cristo Rei do Pantanal.



Fonte: Registro Fotográfico,2025.

Para o desenvolvimento da aula, utilizarei o data-show como recurso didático, de modo a apresentar imagens das obras dos artistas. Durante a exibição, estimularei a participação dos alunos por meio de perguntas, como: O que vocês conseguem identificar nessas obras? e O que acham delas?

Recursos: Data-show, arquivo de ppt.

AULA 3 e 4

Objetivos específicos

Reconhecer a importância da artista Izulina Xavier para a cultura local.

Conteúdo específico

Conhecer as obras da artista Izulina Gomes Xavier.

Procedimentos Metodológicos:

Cumprimentarei a turma e recolherei as autorizações enviadas pelos pais para permitir a saída dos alunos da escola. Nesta aula, realizaremos uma visita ao Art Izu, antiga residência da artista Izulina Xavier, onde estão expostas diversas de suas obras. No local, os alunos terão a oportunidade de conhecer de perto o trabalho desenvolvido pela artista. A turma do 5º ano apresenta 25 alunos matriculados que serão acompanhados por dois secretários da escola e a professora de arte.

A proposta de mediação na casa Art Izu:

Antes de sair do ônibus reforçarei com os alunos algumas diretrizes da visita, como: não tocar nas obras, não correr no espaço para evitar quedas ou outra forma de acidente.

Pedirei aos alunos que observem bem a fachada da casa, chamando atenção para a quantidade de relevos presentes. E que nosso primeiro ponto de encontro será no jardim, onde devem sentar formando uma roda em torno da grande escultura de São Francisco. Quando a roda estiver formada, farei perguntas sobre o que viram na fachada e o que estão vendo nesta escultura de São Francisco? A mediação caminhará para pensar as dimensões das obras, as cores empregadas e os temas esculpidos pela artista? Mediarei as leituras prevendo que os alunos associarão à fé católica. Como segundo espaço de mediação, levaremos os alunos para o quintal da residência, onde existem várias esculturas plenas, como São Jorge matando um dragão-humano (fig. 8.), e também existem vários baixos relevos com as cenas dos passos da paixão de cristo até o sepulcro, esses baixos relevos são pintados e prevejo que irá capturar a atenção dos alunos. Farei perguntas mediadoras novamente esperando a leitura associativa à fé católica, destacarei à técnica do relevo e o material empregado pela artista (concreto),

Como fechamento da proposta mediadora, farei as seguintes perguntas: “O que acharam de ir até a casa onde estão expostas as obras da artista?” e “Como é ver a obra de perto depois de terem visto apenas algumas fotografias?”. Ao final da visita, retornaremos ao ônibus para retornarmos à escola.

Figura 8:São Jorge matando um dragão-humano e alguns dos baixos relevos com cenas da paixão de cristo:



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Recursos: Transporte

veicular : ônibus

AULA 5 e 6

Objetivos específicos

- Compreender aspectos da vida e obra dos artistas locais.

Conteúdo específico

Vida e obra dos artistas: Rubén Dario, Vitor Hugo, Jamil Canavarros e Marlene Mourão.

Procedimentos Metodológicos

Nesta aula começarei cumprimentando os alunos e em seguida irei apresentar os outros artistas que são eles: Rubén Dário, Vitor Hugo, Jamil Canavarros e Marlene Mourão, irei explanar sobre a vida e obra desses artistas, apresentando imagens de suas obras com ficha técnica e farei perguntas sobre cada obra.

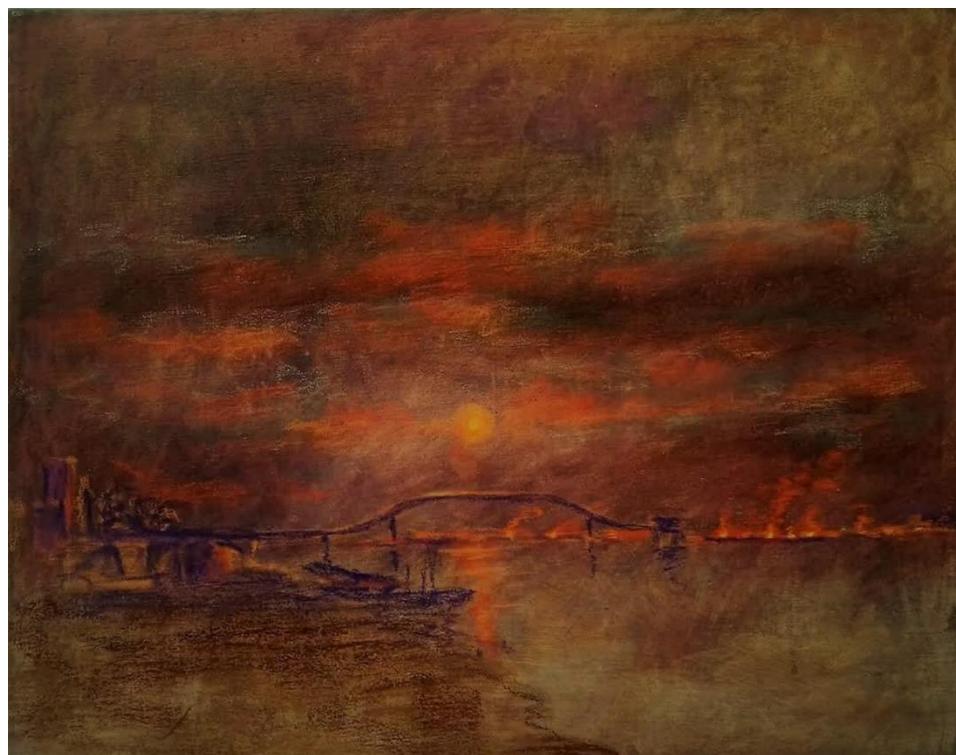
As obras que irei apresentar de cada artista serão:

Rubén Darío:

Trata-se de uma obra (s/ título, s/ data) que retrata as queimadas no Pantanal, mostrando o sol encoberto pela fumaça e o ambiente em tons alaranjados e escurecidos (fig 9). Ao observar essa imagem, podemos perceber que o artista representou um dos mais conhecidos pontos turísticos da cidade: a prainha do Rio Paraguai, localizada no Porto Geral. Nela, é possível ver a ponte de captação de água, que se tornou um verdadeiro cartão-postal de Corumbá.

Perguntas mediadoras sobre a obra: O que você vê nessa imagem?; Que sentimentos essa imagem transmite para você? Você reconhece essa paisagem? Especificamente: você reconhece essa ponte? Vocês já foram visitar este local?

Figura 9:Rubén Darío. Obra sem título, s/ data:



Fonte: Portfólio do artista, 2025.

Outra obra do mesmo artista é **Êxtase s/data** (Fig 10), que representa o sol forte de Corumbá, o rio Paraguai e a paisagem pantaneira, com um jacaré de costas para o observador e de frente para o rio, que quase não pode ser notado devido ao reflexo do sol sobre a água.

Perguntas mediadoras sobre a obra: Quais elementos da natureza aparecem na pintura?; Você acha que o artista quis mostrar um momento calmo ou agitado da natureza? Por quê?

Figura 10: Rubén Darío. Êxtase. Óleo s/ tela 100X150cm.



Fonte: Catálogo Comemorativo 30 anos MARCO,2021.

Sobre Vitor Hugo, abordarei fotos de um mural (Fig 11) que o artista realizou na área masculina de oncologia do hospital da cidade de Corumbá. Ao observar a imagem, podemos ver um homem sentado em um galho de árvore, tocando violão, enquanto, mais abaixo, um peixe salta da água — figura que remete ao homem pantaneiro com sua viola em um ambiente ribeirinho.

Perguntas mediadoras sobre a obra: O que o homem está fazendo na obra?; Por que você acha que o artista escolheu colocar essa imagem dentro de um hospital? Quais são os elementos da natureza representados pelo artista nesta obra?

Figura 11. Mural dedicado à ala masculina de oncologia.



Fonte: Portfólio do Artista, 2025.

Outro mural que o artista realizou, em conjunto com o artista Jamil Canavarros, foi em homenagem à artista Izulina Gomes Xavier. A obra reúne representações de algumas de suas criações mais marcantes (Fig 12), como o Cristo Redentor, a escultura de São Francisco de Assis, seus contos literários e o sol com aves presentes na fachada do Art Izu — casa onde a artista viveu e produziu suas obras.

Perguntas mediadoras sobre a obra: Quem é a artista homenageada na obra?; Você acha importante fazer homenagens a artistas locais? Por quê?

Figura 12.Registro do mural em construção em homenagem à Izulina.



Fonte: Diário Corumbaense.

Sobre o artista Jamil Canavarros: apresentarei uma pintura que retrata homens dentro de barcos ancorados às margens do rio (Fig 13). É possível observar, ao centro da composição, dois homens remando. A cena representa pescadores partindo para atividades da pesca, transmitindo uma cena do cotidiano das comunidades que vivem próximas ao rio Paraguai. As cores utilizadas na pintura sugerem um dia quente e ensolarado, algo bastante característico da cidade de Corumbá.

Perguntas mediadoras sobre a obra: Você já viu ou participou de alguma atividade parecida com a pesca? Como foi?; Que som você imagina ao olhar para a cena — água, remos, pássaros?

Figura 13.Jamil Canavarro. Sem título, óleo sobre tela.2014. Acervo da Prefeitura de Corumbá.



Fonte: Gazeta do Pantanal, 2014.

A outra obra deste artista reúne elementos característicos da cidade de Corumbá, como aspectos da cultura local representados pelo carnaval e pela festa de São João, referente a este último está representado um andor junto aos festeiros, sendo que alguns já estão na água do rio Paraguai (Fig 14). Já para se referir ao carnaval, no canto inferior direito da tela, há uma porta bandeira dançando com o mestre sala. Além de ícones do patrimônio material, como a igreja Nossa Senhora da Candelária - localizada no centro da cidade -, o instituto Luiz de Albuquerque (ILA), que abriga o Centro Regional de Pesquisa e Cultura, e parte do Casario do Porto

Perguntas mediadoras sobre a obra: Quais festas e tradições você consegue ver na pintura?; Se você pudesse adicionar algo à obra sobre sua cidade, o que incluiria? Você reconhece pontos importantes da cidade de Corumbá nesta pintura?

Figura14 :Jamil Canavarro. Sem título, óleo sobre tela.2019. Acervo da Prefeitura de Corumbá.



Fonte: Registro Fotográfico da Autora, 2025.

Sobre Marlene Mourão:

A cartilha, Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia (Fig.15), desenvolvida pela artista Marlene Mourão, que irei apresentar aos alunos, narra a trajetória do missionário Frei Mariano, abordando não apenas o período em que viveu em Corumbá, mas toda a sua história de vida. A obra apresenta desde sua infância, destacando seu sonho e preparação para se tornar missionário, até os lugares por onde passou, as catequeses realizadas e as igrejas que ajudou a fundar.

Perguntas mediadoras sobre a obra: Por que a história de Frei Mariano é importante para a cidade?; Que imagens ou ilustrações da cartilha chamaram mais sua atenção? A artista Marlene Mourão fez todas as ilustrações desta cartilha, você sabia que um artista pode trabalhar ilustrando livros?

Figura 15.Um altar para as valorosas sandálias do Frei Mariano de Bagnaia:



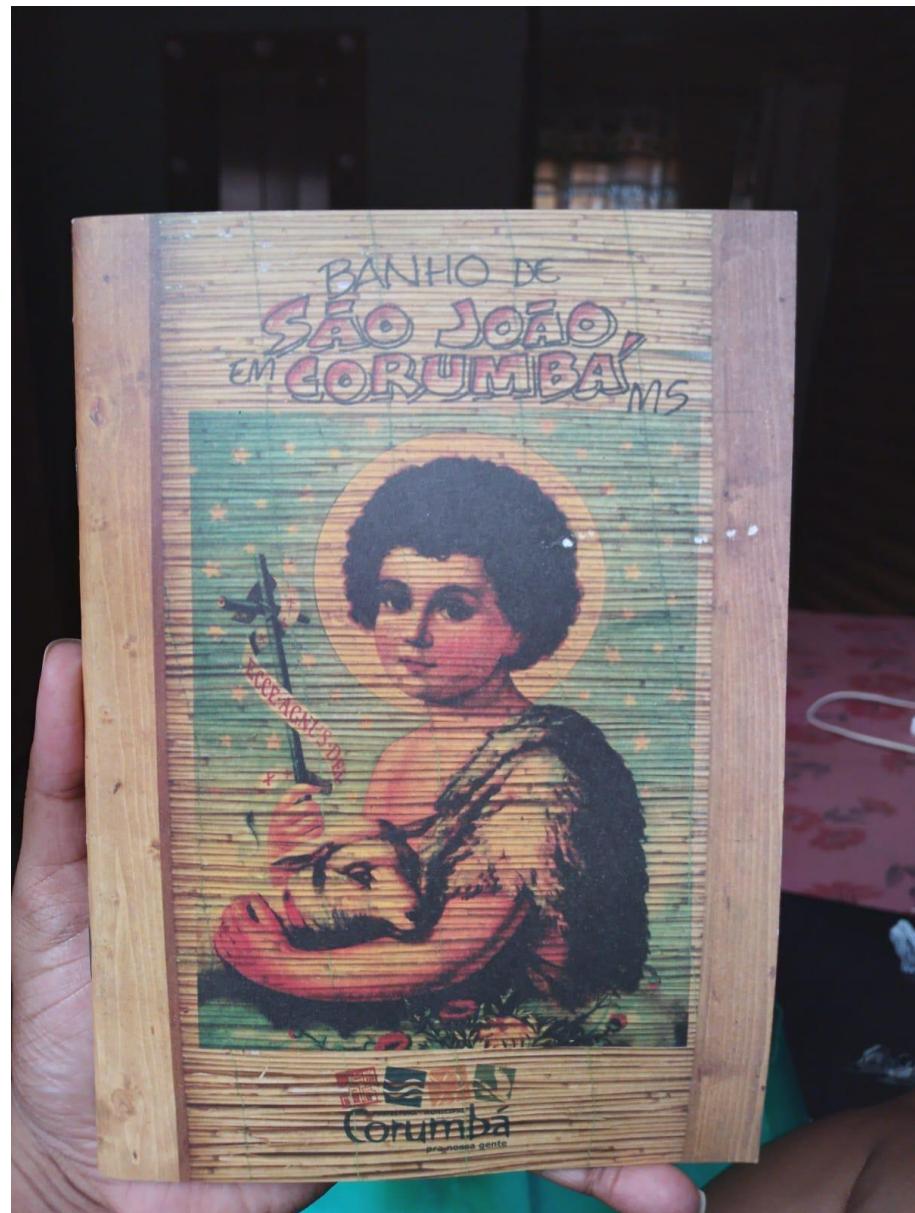
Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Outra cartilha que a artista criou fala sobre o “Banco de São João, em Corumbá-MS” (Fig. 16), que registra a tradição local da descida da ladeira até o Rio Paraguai, na virada do dia 23 para 24 de junho, para o ritual de banhar o santo. A cartilha, totalmente ilustrada pela própria artista, reúne registros fotográficos e inclui, ao final, descrições das comidas típicas da festa, como o sarrabulho (ou sarravulho), prato tradicional da culinária pantaneira.

Perguntas mediadoras sobre a obra: Quando ocorre o ritual do banho de São João em Corumbá?; Quais comidas típicas da festa são mencionadas? Por que tradições

como essa são importantes para manter a história da cidade viva? Você já participou de uma cerimônia do banho?

Figura 16.Banho de São João em Corumbá, MS.



Fonte: Acervo Pessoal, 2025.

Recursos

Data-show.

AULA 7 e 8

Objetivos específicos

- Estimular a vivência estética por meio do contato direto com obras de arte.

- Ampliar o conhecimento sobre o artista Rubén Darío e sua produção.

Conteúdo específico

Visita à galeria- ateliê- casa do artista Rubén Darío

Procedimentos Metodológicos

Cumprimentarei a turma e recolherei as autorizações enviadas aos pais para permitir a saída dos alunos da escola. Nesta aula, realizaremos uma visita à galeria do artista Rubén Darío, onde os estudantes poderão conhecer de perto algumas de suas obras.

Segue a proposta de mediação na galeria-ateliê -casa do artista Rubén Darío:

Antes de sair do ônibus reforçarei com os alunos algumas diretrizes da visita, como: não tocar nas obras, não correr no espaço para evitar quedas ou outra forma de acidente.

Pedirei aos alunos que observem bem as obras, chamando atenção para os materiais de trabalho do artista dispostos no espaço. Nossa primeiro ponto de encontro será em frente à obra do jacaré vista na aula anterior, onde devem sentar formando uma roda em torno da obra. Quando a roda estiver formada , farei perguntas sobre o que viram até aquele momento. Mediarei as leituras prevendo que os alunos associarão as obras em relação à fauna do pantanal. Como segundo espaço de mediação, a turma se reunirá em torno do material de trabalho do artista, Farei perguntas mediadoras chamando atenção para as tintas, suportes, pincéis e resgatando as experiências prévias dos alunos com esses materiais. Como fechamento da mediação neste espaço, farei as seguintes perguntas: “O que eles acharam da experiência?” e “Como foi observar as obras de perto após terem visto apenas fotografias?”. Realizado o fechamento, encaminharei a turma para o ônibus, que retornará para a escola.

Recursos : Transporte veicular : ônibus

AULA 9 E 10

Objetivos específicos

- Desenvolver projetos e criação artística.

Conteúdo específico

Planejamento de projeto prático e início da atividade prática

Procedimentos Metodológicos

Cumprimentarei a turma e solicitarei que os alunos elaborem um **projeto** do que gostariam de desenvolver na atividade prática, podendo escolher entre: Escultura, pintura ou zine (pequeno jornal com no máximo 3 páginas, contendo ilustrações e curiosidades sobre a cidade onde moram).

Em seguida daremos início a atividade prática com alguns materiais que irei levar, como, lápis de cor, giz pastel, argila escolar,saco plástico para cobrir as mesas, algodão cru, que servirá para os alunos que optarem pela pintura e papel sulfite para os alunos que decidirem fazer a zine.

Durante toda a atividade, estarei mediando e auxiliando os alunos em seu processo criativo. Ao final, reorganizaremos a sala, deixando o espaço limpo e organizado para a continuidade das aulas com o próximo professor.

Recursos

Caderno de desenho, lápis grafite, lápis de cor, giz pastel, argila escolar,saco plástico, algodão cru e papel sulfite, tintas, pincéis e materiais de limpeza.

AULA 11 E 12

Objetivos específicos

Desenvolver produção artística

Conteúdo específico

Dar continuidade na atividade prática.

Procedimentos Metodológicos

Cumprimentarei a turma e iniciarei a aula organizando os alunos em grupos, para que possam desenvolver a atividade prática iniciada na última aula, com os materiais escolhido pelos alunos e durante a aula continuarei dando suporte e supervisionando os alunos. Ao final, reorganizaremos a sala, deixando o espaço limpo e organizado para a continuidade das aulas com o próximo professor.

Recursos

Lápis de cor, folha a4, giz pastel seco, argila escolar, algodão cru, tintas, pincéis, materiais de limpeza.

Avaliação

AULA 13 E 14

Objetivos específicos

Experienciar a organização e exposição de suas próprias produções artísticas.

Conteúdo específico

Exposição das atividades práticas desenvolvidas nas aulas anteriores.

Procedimentos Metodológicos

Cumprimentarei a turma e, em seguida, organizaremos as mesas no pátio da escola para a montagem da exposição com as atividades desenvolvidas pelos alunos.

Recursos

Mesas e trabalhos realizados pelos alunos

6. AVALIAÇÃO

A avaliação será formativa e contínua, acontecendo durante todo o projeto. O objetivo é acompanhar o aprendizado dos alunos, observando o que está dando certo e corrigindo o que precisa ser melhorado.

Os critérios de avaliação serão o envolvimento nas aulas, o uso do vocabulário específico sobre arte e a participação nas atividades propostas.

As ferramentas de avaliação serão as entregas das atividades, a observação em sala de aula e os registros feitos durante o processo.

7. REFERÊNCIAS

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA PMC. Obras de artistas locais ganham espaço na sede da Prefeitura de Corumbá. Prefeitura Municipal de Corumbá, 31 jul. 2019.

AMARAL, Maria Eugênia Carvalho do. Vozes das Artes Plásticas. Campo Grande: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades@: Corumbá (MS). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAVALCANTE, Camila. Jamil Canavarros comemora 35 anos de arte com exposição no Sesc Corumbá. Diário Corumbaense, Corumbá, 04 fev. 2016. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=82583>.

CORUMBÁ. Obras de artistas vão embelezar o Paço Municipal. Prefeitura Municipal de Corumbá, 31 jul. 2019. Disponível em: <https://ww2.corumba.ms.gov.br/2019/07/obras-de-artistas-locais-vao-embelezar-o-paco-municipal/>.

CABRAL, Leonardo. Artistas plásticos retratam homenagem à Izulina Xavier em mural ao ar livre. Diário Corumbaense, Corumbá, 21 maio 2021. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=124667>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAERTNER, Lívia. Izulina Xavier: escultora é homenageada por sua trajetória na arte sul-mato-grossense. Diário Corumbaense, Corumbá, 16 nov. 2022. Disponível em: https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=134730#google_vignette.

GAERTNER, Lívia. Exposição traz trajetória artística de Peninha. Diário Corumbaense, Corumbá, 26 de nov. de 2009. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=7734>

GAERTNER, Lívia. Maria Dodô é tema de estudos de acadêmicos da UFMS. Diário Corumbaense, Corumbá, 20 de nov. de 2010. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=22395#:~:text=A%20artista%20pl%C3%A1stica%20Marlene%20Mour%C3%A3o,circulou%20poucos%20meses%20no%20Estado>.

MACIULEVICIUS, Paula. Da menina que o pai nunca proibiu de fazer arte à dona das estátuas de MS. Campo Grande News, Campo Grande, 21 fev. 2015. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/da-menina-que-o-pai-nunca-proibiu-de-fazer-arte-a-dona-das-estatuas-de-ms>.

MOURÃO, Marlene Terezinha. Azul dentro do banheiro.2.ed.Dourados - MS: Arrebol Coletivo, 2018

MARTINS, Ara de Andrade. Jonir: uma trajetória de vida construída com arte. Ilustração: vários colaboradores. Campo Grande: da autora, 2022. 100 p.

NUNES, Rosana. Artista plástica Izulina Xavier homenageada em praça pública. Diário Corumbaense, Corumbá, 22 nov. 2009. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=7597>.

PELEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (Org.). Vozes das Artes Plásticas. Campo Grande: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

REDAÇÃO. Sesc reúne artistas plásticos em exposição para homenagear Corumbá. Gazeta do Pantanal, 02 set. 2014. Disponível em: https://www.gazetadopantanal.com/2014/09/sesc-reune-artistas-plasticos-em-exposicao-para-homenagear-corumba/#google_vignette.

RODRIGUES, Morgana Duenha. Identidade Regional e Pintura de Paisagem em Mato Grosso do Sul. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro de Ciências Humanas. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientador: Profª. Drª Maria Adélia Menegazzo. 2012

ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; PENTEADO, Yara. Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: M. G. S. Rosa, I. Duncan, Y. Penteado, 2005.

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/morre-aos-73-anos-jonir-figueiredo-icono-das-artes-visuais-de-ms>

ROSIN, Priscila. As fases pictóricas de Wega Nery. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Orientador: Prof. Dr. Norberto Stori. 2011.

SOUZA, Vitor Hugo de. Portfólio artístico. Enviado via aplicativo de mensagens WhatsApp para a pesquisadora em 03 fev. 2025.

SOUZA, Vitor Hugo Aguilar de. O olhar no ensino de arte: sei que vi, mas nunca reparei. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES, Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Linha de pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Antonini de Souza. 2023.

URT, Nelson. Cidade e gênios da pintura inspiram obras de artista plástico revelação. Diário Corumbaense, Corumbá, 21 set. 2018. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=105231>.

VÍDEO. Artista Plástico - Jorapimo. YouTube, 2021. Entrevista com a filha do artista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RTSPwFq6IBI>.

VÍDEO. Artistas Pantaneiros - Marlene Mourão. YouTube, 2021. Entrevista a artista Marlene Mourão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GYp4Kv0FqUA>